

104 PS

ÍNDICE

Título do original

Eh Dromspiel

Tradução de

João da Fonseca Amaral

Direcção da Colecção de

Luis Migual Cintra

J. A. Osório Mateus

Jorge Silva Melo

Capa de

Soares Rocha

Prefácio	9
O sonho	21
Prólogo	25
I	32
II	35
III	39
IV	48
V	72
VI	78
VII	84
VIII	88
IX	107
X	127
XI	130
XII	151
XIII	160
XIV	179
XV	201

Copyright
August Strindberg
Editorial Estampa, Lda.
para a língua portuguesa

PREFÁCIO

«Porque é que nós, os oprimidos, sofremos tanto?» escrevia Strindberg a sua Mulher em 1875», «Parece-me que este processo emocional é qualquer coisa como isto: Primeiro, sou eu a vítima! Oh, que horrível sensação! Mas basta-me olhar para a direita e para a esquerda e logo encontro alguém mais que sofre a mesma dor. E logo sofro com ele. E a dor é dupla. E vejo outros ainda, e o meu sangue gela. No meu estado emocional começo a pensar que todo o universo está debaixo de uma tirania, e é oprimido. A minha angústia cresce — e em mim eu tomo, eu absorvo os sofrimentos de toda a humanidade. Transformo-me numa espécie de Cristo, porta-voz de toda a humanidade.»

O caminho percorrido por August Strindberg desde as suas primeiras grandes peças (Camaradas, 1886, Pai, 1887, Menina Júlia, 1888) até às obras para o seu Teatro Intimo (A Tempestade, A Casa Queimada, A Sonata dos Espectros, O Pelicano, 1907) poderia ter por epígrafe a passagem atrás citada: depois da análise apaixonada e dolorida de casos de sofrimento, depois de criar personagens, o

esquema dramático que ele ajuda a criar estóira, os casos deixam de o interessar, as personagens diluem-se, o teatro rebenta, o palco é o mundo e a acção são sonhos e é o próprio sofrimento quem está em cena.

No Prefácio da Menina Júlia — prefácio-manifesto do Naturalismo — Strindberg diz: «A alma das minhas personagens (o seu carácter) é um conglomerado de civilizações passadas e presentes, de fragmentos de livros e de jornais, de bocados de homens, de farrapos de vestidos domingueiros tornados andrajos; à maneira da própria alma humana, uma reunião de peças do mais diverso jaez.»⁽¹⁾

No Prefácio de O Sonho, «O autor tenta imitar a forma incoerente mas aparentemente lógica do sonho. Tudo pode acontecer, tudo é possível e verosímil. Tempo e espaço não existem. A partir de uma base real insignificante, o autor dá livre curso à sua imaginação que multiplica os lugares e as acções numa mistura de recordações, experiências vividas, livre fantasia, absurdos e improvisações. As personagens desdobram-se e multiplicam-se, dissolvem-se e refazem-se. Mas uma consciência suprema as domina: a do sonhador». Entre uma peça e outra um percurso: da noção da complexidade da «alma humana» à complexidade do «mundo», da tentativa de reconstruir, clarificado, um caso humano à tentativa de meditar sobre toda a humanidade, do acto único aos 15 quadros, do cenário único e realista a um palco em perpétua mutação, teatro de maquinaria no pólo oposto

(1) In Eight Expressionist Plays.

da «uma mesa e duas cadeiras» que se gabava de ser o indispensável para a sua peça Credores.

«Strindberg teve de abandonar o drama realista para poder aproximar-se da realidade — a realidade das tensões e das visões; teve de abandonar o drama naturalista de forma a ser natural o seu projecto não-Euclídeano — o projecto da psicologia das profundidades, por um lado, o da experiência espiritual, por outro. [...] Strindberg mergulhou nos seus subterrâneos, naquilo a que alguns chamam o seu “inconsciente”. E foi um mundo aterrador e fascinante aquele que ele descobriu. Dele trouxe material suficientemente estranho para perturbar e apaixonar um público moderno que pode encontrar as suas descobertas pessoais nas da moderna “metapsicologia”, e pode contrapor a sua grotesca visão do mundo com a sua própria experiência do século vinte depois da Primeira Grande Guerra.»⁽¹⁾

Do naturalismo ao expressionismo, da peça em um acto à peça de «itinerário», do «caso» ao mundo, do positivismo à descoberta do irracional: o caminho de Strindberg é o caminho do virar do século XIX, a sua pergunta uma só. «O que é a vida? E qual o seu sentido?» e a sua descoberta — o Irracional como ordem — uma das grandes descobertas do século XX. E a sua peregrinação, à primeira e aberta exibição da peregrinação do homem contemporâneo.

De Strindberg diz Roger Martin du Gard: «Não basta dizer que a obra de Strindberg é

(1) John Gassner, Strindberg, The Expressionist

uma "mensagem". Ela está à margem de todas as convenções literárias. Este ardente individualista cuja inteligência adquiriu a pouco e pouco a mais vasta cultura nada tem de um intelectual. Cada uma das suas obras é a projecção de uma experiência tragicamente vivida. A sua obra é um longo testemunho, a confissão de um sofrimento secreto, esmagador e que exige ser gritado. A obra brota de si próprio como um grito. Strindberg não sabe o que é a hesitação ou o meio tom.

Só sabe amar ou odiar. Nele tudo é crispado, violento e nu. Tudo — e mesmo a sua paixão pelas imagens — tem a força obscura do instinto. Sempre e incansavelmente acusou a mediocridade das ideologias, dos caracteres, das paredes. E o tom desta voz rouca e elevada, estridente de paixão contida e de indignação é inimitável. Este apelo vingador eleva-se, implacável e domina o século — na vanguarda de todas as convulsões do nosso tempo. (2)

II

«Quando se diz Strindberg, em que pensamos nós? Num incessante ajuste de contas entre seres lançados uns contra os outros, numa reivindicação perpétua, num protesto sem fim. Gritam e atiram-se à cara o recibo de todos os actos maus de que se acusam,

(2) in Guy Vogelweith, *Strindberg*.

actos do passado que sujam o presente e comprometem o futuro. Digo: o recibo, pois sempre os crimes que se pagam, que se hão-de pagar, que se tentou ou se tenta ainda não pagar, estão ligados a uma dívida que nunca se julgou pagar e que bruscamente reaparece. Todo o teatro de Strindberg está baseado no duplo sentido da palavra "pagar". Letras vencidas, somas devidas e não pagas, dívidas de dinheiro ou de gratidão, reconhecimento, promessas de fidelidade incerta, todas as contas se exigem e se falsificam numa casa que não é mais do que uma grande e duvidosa cozinha. E também nos dramas do fim [...] é a suspeita, a vergonha, a raiva, a espionagem. Sempre a grande fresta aberta sobre a infância, esta que ninguém conseguirá tapar. E aí surge o rosto maculado da família desonrada, da falência fraudulenta, o camarada castigado por nós, ou que nos deixou ser castigados, a criada de visita a outras criadas, entre o guarda-loiça e o caixote do lixo.» (3)

Ao viver a dívida, ao viver a culpa Strindberg trava em toda a sua obra um incessante combate — e dilacerado combate — contra a ordem capitalista, vivendo até ao fim toda a parafernália da Igreja. E na sua obra intensa e apaixonada, encontramos o primeiro e frontal ajuste de contas com os Princípios da Culpa e da Dívida, princípios fundamentais da Ideologia Burguesa. O seu percurso — do drama naturalista ao drama «de itinerário» — não é mais do que o incessante agravamento de uma luta que não pára, a cada passo revelando as suas próprias contradições.

(3) Arthur Adamov, *Strindberg*.

III

Peça de «itinerário», O Sonho não esconde as suas origens e as suas ambições: filha do Fausto de Goethe e tentando ser A Tempestade dos tempos modernos. Mas enquanto A Tempestade e Fausto têm apenas a ordem ditada pelo seu próprio movimento interno, O Sonho propõe-se ser a imitação «da forma incoerente mas aparentemente lógica do sonho», e como tal a sua «construção faz-nos pensar na memória pura, tal como no-la foi revelada pelas análises de Proust ou de Bergson» (4), a sua análise aproxima-se da de Jensen na Gradiva sobre a qual Freud diria: «Como pôde o romancista atingir o mesmo saber que o médico, ou, pelo menos, como é que conseguiu fazer para parecer que sabe as mesmas coisas?» (5). Assim, a forma de O Sonho é uma forma exterior a si próprio, uma forma a-literária.

Mas O Sonho é também uma «peça de itinerário», «uma viagem de ziguezagues através do mundo, [...] um inquérito sobre a miséria dos homens». Referindo-se a O Sonho, Strindberg escreverá mais tarde do seu Livro Azul: «Descobri o nada relativo da vida.» E em toda a construção da obra reina uma ordenação mística — de pacotilha, como o quer Adamov, mas de qualquer forma existente — que vem dar o sentido geral de toda a obra: sonho,

(4) Maurice Gravier, in Strindberg, *Théâtre Cruel et Théâtre Mystique*.

(5) Guy Vogelwalth, *Strindberg*.

por um lado; por outro, a peregrinação crítica de Inês, a filha do Deus Indra.

E é desta dupla natureza — a intuição paracientífica, a utilização de um esquema de pensamento místico — que nascerão as principais contradições da obra, as contradições que lhe conferem o seu verdadeiro sentido: obra de tese sobre a miséria dos homens e o absurdo do sofrimento? Obra andarilha ao sabor do sonho e da livre associação? Ou ambas?

IV

«Dizem que o O Caminho de Damasco é feito de sonhos. Claro. Mas naturalistas», escrevia Strindberg ao seu editor. Também os «sonhos» de O Sonho são «tecidos de vida», as livres associações feitas do mais imediato realismo: «O Sonho consagra a apoteose perigosa, mas brilhante, dos objectos elevados ao lugar de personagens. Todos os objectos, pelo lugar que lhes é dado e depois tirado, criam a atmosfera do sonho, alargam o espaço, mudam o tempo.» (6) E se a Menina Júlia era feita de retalhos do mundo exterior O Sonho é todo ele a organização (onírica) de objectos retirados a esse mesmo mundo. Sonhos, mas naturalistas.

(6) Arthur Adamov, *Strindberg*.

V

«Que quer Strindberg? Ao mesmo tempo afirmar-se, exhibir-se, provar, esconder-se. Onde, melhor que num palco, pode ele satisfazer os seus desejos? Sentindo-se a braços com a injustiça, com a maldade dos outros, ele pode num palco passar ao ataque, impunemente, tranquilamente. Surpreendido, espiado, ou julgando sê-lo, ele pode por sua vez espiar aqueles que o espiam, revelar as suas taras, emprestar-lhes, sempre que o quiser, e como quiser as suas próprias. [...] Aquilo que Strindberg quer mostrar ao mundo é menos este ou aquele drama do que ele próprio, o seu drama total, ou mais exactamente, a imagem que ele quer que se tenha dele e desse drama total.» (1)

VI

O Sonho estreou-se em Stockholm em 1907 com Harriet Bose na protagonista. Strindberg não se mostrou satisfeito: «toda a representação foi um efeito de materialização quando o que era preciso era o contrário». Grandes encenadores se sentiram depois atraídos por esta peça que Strindberg dizia ser a sua preferida, «a filha da minha mais profunda dor». Mauritz Stiller em 1916, Max Reinhardt em

1921, Antonin Artaud em 1928, os Province Town Players em 1926, sendo as mais conhecidas as encenações de Olofo Molander em 1935 (Stockholm) Bengt Ekerot em 1959 (Malmo) e Ingmar Bergman em 1970 (Stockholm).

Em Portugal, foi estreada em 1971 uma adaptação de Luzia Maria Martins com o título Um Sonho. Encenação de Luzia Maria Martins, cenários de Ruy Mesquita, interpretada pela Companhia do Teatro Estúdio de Lisboa (Antonio Montez, Amílcar Botica, Helena Fé-liz, Ruy Mesquita, Manuela Cassola, Francisco Nicholson, Cremilda Gil, Ana Paula, Ermelinda Duarte, Catarina Avelar, Benjamim Falcão, Diamantino de Matos.

Em O Sonho, tal como na peça onírica precedente, A Estrada de Damasco, o autor procurou reproduzir a forma incoerente, mas aparentemente lógica, do sonho. Tudo pode acontecer, tudo é possível e verosímil. Deixam de existir tempo e espaço. A partir de uma insignificante base real, o autor dá livre curso à imaginação, que multiplica os locais e as acções, numa mistura de lembranças, experiências vividas, livre fantasia, absurdos e imprevistos.

As personagens desdobram-se e multiplicam-se, desvanecem-se e condensam-se, dissolvem-se e reconstituem-se. Mas uma consciência suprema a todas domina: a do sonhador. Para este não existem segredos, inconseqüências, escrúpulos, leis. Não julga, não absolve, limitando-se a contar um sonho. Assim como o sonho é, na maior parte dos

(1) Id. Ibid.

casos, mais doloroso do que alegre, a narração, hesitante, é percorrida por uma nota de melancolia e compaixão por tudo o que vive. Embora libertador, o sono revela-se, penoso, mas, no momento em que é mais intenso o sofrimento, o súbito despertar reconcilia o que sofre com a realidade, que, embora dolorosa, surge agora como uma libertação, ao ser comparada com o pesadelo.

AUGUST STRINDBERG

O SONHO

PERSONAGENS

Homens

- O Oficial
- O Advogado
- O Poeta
- O Pai
- O Vidraceiro
- O Colador de Cartazes
- O Ponto
- O Mestre de Quarentena
- O Professor
- O Reformado
- O Cego
- O I Carvoeiro

- O II Carvoeiro
- O Lord Chanceler
- O Decano da Faculdade de Teologia
- O Decano da Faculdade de Letras
- O Decano da Faculdade de Direito
- O Decano da Faculdade de Medicina
- O Polícia

Mulheres

- Inês, filha de Indra
- A Mãe

- A Porteira
- Lina
- Alice
- Edite
- Vitória
- Cristina
- Luísa
- A Bailarina
- A Cantora

Grupos

- Ele e Ela

Vozes de Homem, Vozes de Mulher
e a Voz de Indra

- O Cavalheiro e a Dama
- D. Juan, a Velha Petulante e o Amigo
- Os Figurantes da «Aida»
- Os Figurantes dos «Mestres Cantores»
- Gente de Teatro
- Três criadas
- Estudantes

O cenário representa uma massa de nuvens, que fazem lembrar rochas dolomíticas, encimadas por castelos em ruínas.

Distinguem-se as constelações do Leão, da Virgem e da Balança. Ao centro, o planeta Júpiter, muito iluminado.

Inês, a filha de Indra, está de pé, sobre a nuvem mais alta.

A VOZ DE INDRA, VINDA DO ALTO

Onde estás tu, minha filha, onde?

INÊS

Aqui, meu pai, aqui!

A VOZ DE INDRA

Tem cuidado, minha filha, que te enganaste no caminho,

E estás a descer para o abismo sem fundo.
Como é que foste aí parar?

INÊS

Segui pelo caminho do fogo e do raio
Viajei montada numa nuvem como se fosse num cavalo

E o relâmpago guiou-me através do éter.
Mas, de repente, a nuvem mudou de rumo
Arrastando-me, agora, com toda a força, para baixo.

Indra, meu venerável pai,
Diz-me, que lugar é este onde me encontro
E que regiões celestes são estas
Que não conheço?

Porque será aqui o ar tão pesado?

A VOZ DE INDRA

Acabas de abandonar o segundo universo,
E estás, agora a entrar no terceiro.
Afastaste-te de Çukra, a estrela da manhã.
E sofres as emanções da Terra.
Guia-te pela sétima casa do Sol,
A que dão o nome de Balança. No equinócio
de Outono,
É nela que se encontra o astro do dia, e o dia
e a noite
Têm o mesmo peso, a mesma densidade.

INÊS

A Terra? Disseste a Terra?
Não será aquele mundo além
Sombrio e pesado, iluminado pela Lua?

A VOZ DE INDRA

De todos os planetas deste universo,
É a Terra o mais denso e pesado.

INÊS

Diz-me: o Sol nunca lá brilha?

A VOZ DE INDRA

O Sol ilumina a Terra... mas nem sempre.

INÊS

A nuvem está a desfazer-se e começo a ver...

A VOZ DE INDRA

Que vês tu, minha filha?

INÊS

Vejo... Como é belo!... Florestas verdes...
Água azul... Montanhas brancas... Campos
dourados de trigo...

A VOZ DE INDRA

Sim! A Terra é muito bela,
Como toda a criação de Brahma.
Mas, há muito, muito tempo, no princípio do
mundo,
Ela era ainda mais bela.
Que se terá passado?
Não sei... Talvez...
Um acidente na sua revolução...

Uma revolta reprimida?
Ou ter-se-ão nela cometido crimes
Que foi preciso castigar?

INÊS

Ouço um rumor que sobe até mim.
Que espécie de gente vive naquele planeta?

A VOZ DE INDRA

Desce e vê! Por mim, sinto-me incapaz
De caluniar os filhos do Criador.
O que estás a ouvir é a linguagem deles.

INÊS

Dir-se-ia... Oh! não é nada alegre!

A VOZ DE INDRA

É verdade! Os lamentos são a sua linguagem
natural!
É uma raça ingrata, descontente e intratável
A que povoa tal planeta?

INÊS

Não diga isso! Ouço gritos de alegria!
Ruídos, tiros, relâmpagos que brilham,
Sinos que repicam e luzes que se acendem
E milhares de vozes que cantam louvores
E dão graças ao Céu...

(Silêncio)

Sois demasiado severo para com eles, senhor
meu Pai!

A VOZ DE INDRA

Desce, vê com os teus próprios olhos e volta:
Depois me dirás se os seus lamentos são
justos.

INÊS

Irei, meu pai, mas... vinde comigo!

A VOZ DE INDRA

Não, minha filha. Lá não consigo respirar.

INÊS

A nuvem está a descer! O ar torna-se pe-
sado! Sinto-me abafar!
O ar não é mais do que uma mistura de fumo
e água.
Pesa sobre o meu corpo e arrasta-me cada
vez mais para baixo...
Cada vez mais... arrasta-me
Para o movimento da Terra.
O terceiro universo não é, então, o melhor?

A VOZ DE INDRA

Não é melhor, mas também não é o pior.
Chama-se Poeira e gira como os outros.
Dá à raça que o habita
Uma incessante vertigem, que vai do absurdo
À loucura.
Não é mais do que uma experiência, minha
filha! Coragem!

INÊS

*(Cai de joelhos, enquanto a nuvem
vai descendo)*

Estou a cair!

I

Malva-rosas gigantescas, brancas, rosa, púrpura, amarelas, violetas, verdes, formam uma moita alta e espessa. Por cima, eleva-se o telhado dourado de um castelo, encimado por uma flor em botão, parecida com uma coroa. Junto às muralhas do castelo, feixes de palha cobrem uma camada de estrume.

Os suportes do cenário, que se manterão em cena até ao fim da peça, representam pinturas murais estilizadas, que tanto podem evocar um interior como um conjunto arquitectónico ou uma paisagem.

Entram INÊS e o VIDRACEIRO.

INÊS

O castelo ainda não deixou de crescer! Ora repara em como ele aumentou desde o ano passado!

O VIDRACEIRO

(*À parte*)

Palavra, que não vejo tal castelo! Nunca ouvi dizer que um castelo fosse capaz de crescer e aumentar de tamanho... Enfim!

(*Para Inês, com convicção*)

Cresceu pelo menos uns dois côvados! É porque lhe puseram estrume!... Já reparaste naquela ala que cresce... além, do lado do Sol?

INÊS

Não tarda a florir... Já se passou o S. João!

O VIDRACEIRO

Repara na flor... lá em cima.

INÊS

Sim, sim!

(*Bate as palmas*)

Ês capaz de me dizer porque é que as flores crescem no estrume?

O VIDRACEIRO

Crescem melhor assim, vê tu, porque têm horror ao estrume. A ideia delas é afastarem-se, o mais depressa possível, e aproximarem-se da luz, a fim de desabrocharem... e morrerem.

INÊS

Sabes quem é que mora naquele castelo?

O VIDRACEIRO

Já soube, mas... esqueci-me!

INÊS

Pois eu tenho a certeza de que está lá um prisioneiro! À espera de que eu o vá libertar!

O VIDRACEIRO

Libertá-lo? A que preço?

INÊS

Com o dever não se regateia! Entremos!

O VIDRACEIRO

É isso mesmo! Entremos!

II

O cenário abre-se lentamente dos dois lados, deixando ver um quarto de paredes nuas, mobilado com uma mesa e algumas cadeiras. Numa destas está sentado um oficial, envergando uma farda contemporânea, mas muito estranha. Balança-se na cadeira e bate na mesa com o sabre. À direita, um guarda-vento.

Inês e o Vidraceiro entram e dirigem-se para o Oficial.

INÊS

(Tira delicadamente o sabre das mãos do Oficial)

Não faças isso! Vá lá, não faças isso!

O OFICIAL

Sê simpática, Inês! Não me tires o sabre!

INÊS

Não! Vais dar cabo da mesa!

(Para o vidraceiro)

Desce à selaria para mudar a vidraça.
Depois vou ter contigo!

(O vidraceiro sai. Para a Oficial)

Estás preso neste quarto. Vim libertar-te!

O OFICIAL

Estava à tua espera, mas não tinha a certeza de que viesses.

INÊS

O castelo é muito poderoso. Sete muralhas o cercam, mas havemos de conseguir! Queres, realmente, conquistar a tua liberdade, ou não?

O OFICIAL

Para dizer a verdade... não sei. Em qualquer dos casos, terei de sofrer! Todas as alegrias da vida se pagam com um desgosto duas vezes maior. Não sou feliz aqui, mas se tiver de comprar a minha liberdade, terei de pagar três vezes o seu preço... em moeda

de dores! Inês, não me importo de ficar aqui... desde que te veja!

INÊS

E que vês tu quando me vês?

O OFICIAL

A beleza... que é a harmonia do Universo... Há em ti linhas que só encontro na revolução dos planetas, no som harmonioso da corda que ressoa, nas vibrações da luz... Inês, tu és uma filha do Céu!

INÊS

Mas tu também, tu também és um filho do Céu!

O OFICIAL

Se assim é, porque é que sou obrigado a esfalfar-me a tratar dos cavalos, a preparar-lhes as camas de palha e a varrer o esterco?

INÊS

Para sentires vontade de te evadir!

O OFICIAL

Claro que o meu desejo é fugir daqui! Mas é tudo tão difícil!

INÊS

Tens a obrigação de conquistar a liberdade e a luz do dia!

O OFICIAL

A obrigação? E a vida, já alguma vez se lembrou das obrigações que tem para comigo?

INÊS

Sentes-te, então, maltratado pela vida?

O OFICIAL

Sinto! Ela tem sido tão injusta!

III

Ouvem-se vozes por detrás do guarda-vento que, no mesmo instante, se afasta. Inês e o Oficial voltam-se e mantêm-se imóveis, como que petrificados.

A Mãe, de aspecto doentio, está sentada a uma mesa iluminada por uma vela, que espevita, de vez em quando, com uma tesoura. A mesa está atulhada com uma pilha de roupa branca, camisas que a mãe marca a tinta com uma penà de pato.

À esquerda, um armário.

O PAI

(Estende à Mãe uma mantilha de seda; com toda a ternura)

Não queres?

A MÃE

Uma mantilha de seda! Para mim? Meu pobre amigo, para que me servirá ela?... Sabes bem que vou morrer!

O PAI

Ainda acreditas no que diz o médico?

A MÃE

Não só no que diz o médico, mas, sobretudo... nesta voz que há dentro de mim e que me fala.

O PAI

Ê, então, muito grave?... E, claro, acima de tudo, pensas nos teus filhos.

A MÃE

São toda a minha vida... a minha justificação... a minha alegria e a minha mágoa.

O PAI

Cristina! Perdoa-me!... Tudo!

A MÃE

Meu pobre querido! Que terei eu a perdoar-te? Perdoa-me, tu!... Sempre nos atormentámos um ao outro, eis tudo! Porquê? Nem sequer o sabemos! Mas não podíamos agir de outro modo... Não falemos mais disso!... Aqui tens a roupa lavada para as crianças. Que mudem de camisa duas vezes

por semana: às quartas e domingos, e que a Luiza os lave bem... todo o corpo... Vais-te embora?

O PAI

Sim, vou para o escritório. Tenho de lá estar às onze.

A MÃE

Antes de te ires embora, serás capaz de pedir ao Alfredo que me venha ver?

O PAI

(Apontando para o Oficial)

Mas olha que ele está aqui!

A MÃE

Ê uma coisa terrível já não ver bem! Sim... é quase noite...

(Espevita a vcla)

Alfredo! Chega aqui!

O Pai desaparece através da parede, fazendo um sinal de despedida. O Oficial aproxima-se da Mãe.

uma peça de prata, que foi encontrada, pouco depois...

O OFICIAL

É isso mesmo, e essa injustiça impeliu toda a minha vida em má direcção.

A MÃE

Pois seja! Mas vai, então, abrir o armário...

O OFICIAL

(De súbito envergonhado)

A senhora, portanto, sabia! É...

A MÃE

O «Robinson Suíço», sim!...

O OFICIAL

Não diga mais nada!

A MÃE

Que fez com que o teu irmão fosse castigado, quando, afinal tu é que o tinhas rasgado e escondido nesse armário!

O OFICIAL

E dizer que já temos este armário há vinte anos! E mudámos de casa tantas vezes!... E que a minha mãe morreu... há dez anos!

A MÃE

E isso que tem? Não paras de fazer perguntas, a propósito de tudo e nada. É assim que dás cabo da tua vida! Olha, aí vem a Lina! Entra!

LINA

(Entra)

Agradeço-lhe muito, minha senhora, mas... mas não posso ir ao baptizado.

A MÃE

E porquê, minha filha?

LINA

É que não tenho que vestir!

A MÃE

Toma! Ofereço-te esta mantilha!

LINA

Oh! não, minha senhora! Não posso aceitar...

A MÃE

Porque não?... Ela não serve para nada, nunca mais terei oportunidade de a pôr.

O OFICIAL

Que irá dizer o meu pai? É uma prenda dele.

A MÃE

Como vocês são mesquinhos!

O PAI

(Passando, de súbito, a cabeça através da parede)

O que é que eu estou a ver? Emprestas as minhas prendas à sopeira?

A MÃE

Não a chames assim! Esqueces-te de que eu também fui criada? Porque é que queres humilhar esta pobre rapariga?

O PAI

E porque é que tu me queres humilhar a mim? A mim, o teu marido?

A MÃE

Quando se faz uma boa acção, há sempre quem a ache má e que se queixe, e quando se faz bem a uns, faz-se mal a outros! Que vida esta!

Espevita a vela, que se apaga. A cena fica às escuras, e o guarda-vento, posto, de novo, no lugar, encobre o Pai e a Mãe.

INÊS

Como os homens são dignos de lástima!

O OFICIAL

Achas que sim?

INÊS

Acho! A vida é dura! Mas, felizmente, há o amor, que triunfa de tudo! Vem comigo... e verás!

Afastam-se para o fundo da cena.

IV

O pano de fundo dá lugar a um novo cenário. Ao meio de um muro velho e escavado, um portão de ferro dá acesso a um corredor, que vai dar a um largo verde, muito iluminado, no meio do qual cresce um imenso acónito azul. À esquerda do portão, a porteira está sentada numa cadeira de palha. Tem um xaile passado pela cabeça e os ombros. Faz, em «tricot» ou «crochet», uma colcha decorada de estrelas.

À direita, um painel publicitário, que o colador de cartazes está a lavar. Perto dele, uma camaroeiro com um cabo verde. Mais afastada, à direita, uma porta tendo, ao cimo, uma abertura em forma de trevo de quatro folhas.

À esquerda, uma tília frágil, de tronco negro e folhas claras.

Em baixo, um respiradouro.

INÊS

(Aproxima-se da porteira)

Ainda não acabou a manta?

A PORTEIRA

Não, minha amiguinha. Vinte e dois anos nada são, para uma obra como esta.

INÊS

E o seu noivo?... Nunca mais voltou?

A PORTEIRA

Nunca!... Mas não é por culpa dele! O infeliz foi obrigado a partir! Já lá vão trinta anos...

INÊS

(Ao colador de cartazes)

Ela fazia parte do «ballet», não fazia?... Lá em cima, na Ópera?

O COLADOR DE CARTAZES

Era mesmo a primeira bailarina! Mas... quando ele partiu, foi como se tivesse levado a dança com ele!... E depois nunca mais lhe deram papéis...

INÊS

Toda a gente se lamenta, quando mais não seja, tem a tristeza estampada nos olhos...

O COLADOR DE CARTAZES

Essa agora... Eu não me queixo assim tanto... Desde que tenho um camaroeiro e uma caixa verde, para os peixes.

INÊS

E isso basta para te sentires feliz?

O COLADOR DE CARTAZES

Oh, sim! Muito feliz!... Era o sonho da minha juventude... e vejo-o realizado!... Cinquenta anos depois, é verdade, mas mesmo assim!

INÊS

Cinquenta anos para um camaroeiro e uma caixa para os peixes...

O COLADOR DE CARTAZES

Sim, mas... uma caixa verde! É uma caixa verde!

INÊS

(Dirigindo-se à porteira)

Empresta-me o seu xaile? Vou-me sentar aqui para ver os filhos dos homens. Mas...

deixe-se estar por detrás de mim... para me dar informações.

(Põe o xaile e senta-se no lugar da porteira)

A PORTEIRA

Hoje é o último dia: acaba a temporada da Ópera! E é agora que eles vão saber se são contratados para a próxima temporada!...

INÊS

E os que não forem contratados?

A PORTEIRA

Esses? Ah, são dignos de ser vistos! Meu Deus!... Eu, por mim, prefiro passar o meu xaile pela cabeça!

INÊS

Como os homens são dignos de lástima!

A PORTEIRA

Olhe! Ali vem uma! Não está entre as escolhidas... Repare em como ela chora!...

A cantora entra pela direita e sai, a correr, pelo portão, com um lenço nos olhos.

Pára um instante no corredor e encosta a cabeça à parte, depois desaparece.

INÊS

Como os homens são dignos de lástima!

A PORTEIRA

Mas repare! Aí vem, pelo menos, um homem feliz!

O Oficial entra pelo corredor, passando o portão. Vem de sobrecasaca e chapéu alto. Traz um ramo de rosas, na mão. É, na verdade, agradável de ver.

A PORTEIRA

Vai-se casar com Mademoiselle Vitória!

O OFICIAL

(Na boca de cena, ergue os olhos e canta)

Vitóri...i...a!

A PORTEIRA

Mademoiselle desce já!

O OFICIAL

Bom!... O carro está à espera, a mesa já está posta, o champanhe já está metido em

gelo... Minhas senhoras, consintam que as beije!

(Beija a Inês e a porteira e continua a cantar)

Vitóri...i...a!

UMA VOZ FEMININA

(Vinda de cima, responde, a cantar)

Estou aqui...i!

O OFICIAL

Bom! Eu espero!

(Anda de um lado para o outro)

INÊS

Não me reconheces?

O OFICIAL

Não!... Só conheço uma mulher! Uma única mulher! Vitória! Há sete anos que espero aqui por ela. À hora do almoço, quando o Sol atinge o nível das chaminés, e ao fim da tarde, quando a noite começa a cair. Repare! Ali! No asfalto! Não se vêem os traços do amante fiel?... Hurrah! Ela é minha.

(Canta)
Vitóri...i...a.

(Ninguém responde)

Bah!... Está a vestir-se!

(Dirigindo-se ao colador de cartazes)

Ah! cá está o camaroeiro! Todas as pessoas da Ópera são doidas por camaroeiros... ou, melhor, são doidas por peixe! Porque os peixes são mudos... e não conseguem cantar!... custa muito dinheiro, uma coisa dessas?

O COLADOR DE CARTAZES

É preciso por-lhe o preço!

O OFICIAL

(Canta)
Vitóri...i...a!

(Abana a tília)

Reparem! Tem novas folhas verdes! Pela oitava vez!

(Canta)

Vitóri...i...a! Está a pentear-se!

(Para Agnés)

Peço-lhe, minha senhora, que me permita subir para ir buscar a noiva...

A PORTEIRA

É rigorosamente proibido subir ao palco.

O OFICIAL

Sete anos! Há sete anos que espero aqui, neste lugar! Sete vezes trezentos e sessenta e cinco faz dois mil quinhentos e cinquenta e cinco dias!

(Para e toca na porta com o trevo de quatro folhas)

Dizer que já vi esta porta duas mil quinhentas e cinquenta e cinco vezes, sem chegar a saber o que é que ela esconde! E este trevo que aqui está para deixar passar a claridade, que iluminará ele? Haverá alguém lá dentro? Quem é que lá mora?

A PORTEIRA

Não sei! Nunca a vi aberta!

O OFICIAL

Faz lembrar a porta de um armário que vi em tempos que já lá vão... Tinha eu quatro anos... Tinha acompanhado a criada numa visita a casa de outras criadas, numa tarde de domingo. Íamos, assim, a casa de famílias desconhecidas, mas nunca passei além da cozinha. Ficava sentado entre o de-

pósito da água e a arca do sal. Posso dizer que vi muitas cozinhas na minha vida!... E vi sempre buracos redondos e um trevo!... Mas aqui, na Ópera, não pode haver um guarda-comidas, pois não há uma cozinha!

(Canta)

Vitóri...i...a! Minha senhora, diga-me se haverá outra saída além desta?

A PORTEIRA

Não! É a única.

O OFICIAL

Tenho a certeza de que a hei-de ver!

Um grupo de actores sai a correr, sob o olhar inquisitorial do Oficial.

O OFICIAL

Ela já não deve demorar... Diga-me, minha senhora, aquele acónito azul lá fora... Vi-o quando era ainda criança... É ainda o mesmo, não é? Estava num presbitério... Eu tinha sete anos... lembro-me muito bem... Há duas pombas, duas pombas azuis, debaixo daquela flor... Mas agora é uma abelha que entra no cálice... Então... eu disse de mim para mim: apanhei-a! ...e apertei a flor entre

os dedos... Mas a abelha picou-me através das pétalas e chorei... A mulher do pastor aproximou-se e pôs-me terra molhada no dedo... E depois, ao jantar... comi morangos silvestres com creme! Parece-me que a noite está a cair!... Para onde é que o senhor vai?

O COLADOR DE CARTAZES

(Leva a mão aos olhos)

Jantar? A estas horas?... Um momento! Tenho de telefonar para o castelo que cresce, posso entrar?

INÊS

Que vais tu fazer ao castelo?

O OFICIAL

Vou dizer ao vidraceiro que coloque as janelas duplas. O Inverno já está à porta e sinto muito frio!

Entra na casa da porteira.

INÊS

Quem é essa tal mademoiselle Vitória?

A PORTEIRA

É a mulher de quem ele gosta.

INÊS

Bem respondido! O que ela é para os outros não importa, porque ela só existe graças ao amor que ele lhe dedica.

A escuridão torna-se quase total.

A PORTEIRA

(Acende a lanterna por cima da entrada)

A noite está hoje a cair muito depressa.

INÊS

Para os deuses, um ano dura um minuto!

A PORTEIRA

Mas para os homens, um minuto pode durar um ano!

O OFICIAL

(Sai de casa da Porteira; vem coberto de pó, o ramo de rosas já está murcho)

Ela ainda não saiu?

A PORTEIRA

Não!

O OFICIAL

Ela vem! Não pode deixar de vir!

(Anda de um lado para o outro)

Talvez seja melhor que eu mande anular o almoço... as horas que são... é muito tarde, já é noite! Sim! O que é que eu devo fazer?

Entra de novo para telefonar.

A PORTEIRA

(Para Inês)

Dê-me o meu xaile, por favor.

INÊS

Não, minha amiga. Podes ir descansar, que fico para te substituir. Quero conhecer os homens e a vida... e saber se viver é tão penoso como dizem.

A PORTEIRA

Lembra-te de que neste lugar uma pessoa não pode dormir... nem de noite... nem de dia!

INÊS

Não se tem direito a dormir? Mesmo à noite?

A PORTEIRA

Claro que se tem direito... se uma pessoa consegue dormir com o cordão à volta do braço, porque, de três em três horas, vêm acordar os guardas da noite que fazem rondas no teatro.

INÊS

Mas isso é um verdadeiro martírio!

A PORTEIRA

Achas? Pois nós sentimo-nos muito satisfeitos por termos um lugar como este! Se soubesses como nos têm inveja!...

INÊS

Têm-vos inveja? Pode sentir-se inveja de uma pessoa sujeita a tal tortura?

A PORTEIRA

Perfeitamente! Mas, repara, as noites em branco, a fadiga, as correntes de ar, o frio e a humidade, tudo isso nada seria se, ainda por cima, não tivéssemos de ouvir as confidências das infelizes que estão lá em cima! Vêm ter comigo! Porquê? Talvez porque leiam nas rugas da minha cara a dor que o tempo nela gravou, o que lhes inspira confiança. Neste xaile, minha amiga, escondem-

-se trinta anos de confidências... As minhas e as das outras...

INÊS

É pesado e queima como urtigas!...

A PORTEIRA

Fique com ele, já que assim o quer... Quando lhe parecer demasiado pesado, chame por mim, para que a venha substituir.

INÊS

Adeus!... O que a senhora suportou, também eu o posso suportar!

A PORTEIRA

Veremos!... Seja boa para as minhas amiguinhas e não se canse das suas queixas...

Sai pelo corredor. Em cena, a escuridão é total. O cenário modifica-se e, ao voltar a luz, a tília perdeu as folhas, o acónito azul está quase murcho e o espaço verde, ao fundo, ficou com um aspecto outonal.

O OFICIAL

(Sai, na altura em que nasce o Sol; tem a barba e os cabelos brancos, o fato velho e

coçado, o colarinho sujo e amarrotado; o ramo de rosas desfolhou-se e já só vêm as hastes; o Oficial anda de um lado para o outro)

Tudo parece indicar que o Verão está no fim e que o Outono se aproxima. Vejo isso pela tília e o acónito.

(Volta a andar)

Mas o Outono, para mim, é a Primavera! A Ópera volta de novo a abrir as portas. E ela, não pode deixar de lá estar! Seja boazinha, minha querida senhora, e consinta que eu descanse por instantes.

INES

Sente-se, meu amigo, que eu posso muito bem ficar de pé.

O OFICIAL

(Senta-se)

Se ao menos pudesse dormir um pouco, sentia-me muito melhor...

(Adormece e levanta-se quase a seguir, em sobressalto, começando a andar de um lado para o outro. Pára, de repente, diante da porta com o trevo e põe a mão na porta)

E esta porta que não tem deixado de zombar de mim!... Que haverá por detrás dela? Deve haver, com certeza, alguma coisa!

(Ouve-se, em surdina, música de «ballet»)

Ouve! Recomeçaram os ensaios!

(A cena é varrida pela luz intermitente de um projector)

O que é que se passa?

(Marca o ritmo e começa a aparição e a desapareção da luz)

Luz!... Escuridão!... Luz!... Escuridão!...

INES

(Imitando-o)

Dia!... Noite!... Dia!... Noite!... Vê como a Providência é misericordiosa: abrevia a tua espera e os dias voam perseguidos pelas noites...

(A cena é de novo iluminada de modo contínuo. O colador de cartazes entra com o seu camaroeiro e os instrumentos de trabalho)

O OFICIAL

Cá temos o colador de cartazes e o seu camaroeiro!... A pesca foi boa?

O COLADOR DE CARTAZES

Muito boa, obrigado! O Verão foi quente e durou bastante... O camaroeiro não é de má qualidade, mas talvez não seja tão bom como eu pensei!...

O OFICIAL

(Repete, acentuando)

Talvez não seja tão bom como eu pensei!... Como é bem dito!... Nada é tão bom como pensámos!... Porque o pensamento é superior à acção... à realidade!...

(Anda de um lado para o outro, chicoteando as paredes com o ramo de rosas, até estas perderem as últimas pétalas e as últimas folhas)

O COLADOR DE CARTAZES

Ela continua sem vir?

O OFICIAL

Sim! Mas não deve demorar!... Você sabe o que há por detrás desta porta?

O COLADOR DE CARTAZES

Não! Nunca a vi aberta.

O OFICIAL

Vou telefonar a um serralheiro, que a vem abrir.

(Sai. O colador de cartazes coloca um cartaz e sai pela direita)

INÊS

Que defeito é que tem a sua rede?

O COLADOR DE CARTAZES

Que defeito é que tem?... Oh! não se pode dizer que tenha defeitos, mas, a verdade, é que não é como eu tinha pensado, e... sinto-me um tanto desiludido!

INÊS

Como é que o tinha imaginado?

O COLADOR DE CARTAZES

Como?... É difícil de dizer...

INÊS

Pois eu vou dizer-lhe!... O senhor tinha-o imaginado muito diferente do que é! Queria-o verde, mas não exactamente neste tom de verde!

O COLADOR DE CARTAZES

Como é que sabe?... A senhora sabe tudo!... É por isso que toda a gente lhe vem confiar as suas preocupações. Se um dia estivesse disposta a ouvir as minhas...

INÊS

Da melhor vontade!... Desabafe comigo as suas mágoas...

(Entra no cubículo. O colador de cartazes continua diante da janela, a falar-lhe)

(Está escuro, mas volta a luz. A tília tem novas folhas verdes e o Sol alumia o espaço verde ao fundo do corredor. O Oficial entra em cena. Está velho, tem os cabelos brancos, o fato rasgado, os sapatos rotos. Traz as hastes do ramo de rosas na mão. Anda de um lado para o outro, devagar, como um velho. Pára para ler o cartaz)

(Entra uma bailarina pela direita)

O OFICIAL

Mademoiselle Vitória já saiu?

A BAILARINA

Não, ainda lá está!

O OFICIAL

Então, espero por ela. Não deve demorar, pois não?

A BAILARINA

(Com gravidade)

Com certeza, meu caro senhor.

O OFICIAL

Não se vá já embora! A menina pode ver o que há por detrás desta porta. Mandei vir o serralheiro para a abrir!

A BAILARINA

Deve ser muito interessante ver abrir esta porta... E o castelo que cresce?... O senhor conhece-o?

O OFICIAL

Se o conheço?... Oh, se o conheço! Estive lá preso!

A BAILARINA

Não! De verdade? Era o senhor? Mas diga-me, então, porque é que lá havia tantos cavalos?

O OFICIAL

Muito simplesmente porque era um castelo com cavalaria!

A BAILARINA

(Com mágoa)

Oh! Como sou estúpida por não ter pensado nisso antes!

(Uma cantora entra pela direita)

O OFICIAL

A menina Vitória já terá saído?

A CANTORA

(Com gravidade)

Não! Claro que não! Ela nunca sai!

O OFICIAL

É porque me ama!... Não se vá embora, minha senhora, que o serralheiro vem abrir esta porta!

A CANTORA

Ah! Vão abrir a porta? Que bela ideia!... Um momento!... Tenho que perguntar uma coisa à porteira!

O ponto entra pela direita

O OFICIAL

A mademoiselle Vitória já terá saído?

O PONTO

Que eu saiba não!

O OFICIAL

Aí está!... Eu bem lhe dizia que ela estava à minha espera! Eh! Não se vá embora! Vão abrir a porta!

O PONTO

Que porta?

O OFICIAL

Haverá outras portas?

O PONTO

Ah! Estou a ver!... A porta com o trevo!... Nesse caso, fico!... Enquanto espero, vou conversar com a porteira.

(A bailarina, a cantora, o ponto e o colador de cartazes formam grupo diante da janela do cubículo; cada um deles, por sua vez, fala com Inês)

(O vidraceiro entra pelo portão)

O OFICIAL

O senhor é que é o serralheiro?

O VIDRACEIRO

Não! O serralheiro está ocupado. Eu sou vidraceiro, mas vou tratar do caso!

O OFICIAL

Bom!... Bom!... O senhor trouxe o seu diamante?

O VIDRACEIRO

Claro!... Um vidraceiro sem o diamante não é um vidraceiro!

O OFICIAL

Evidentemente!... Vamos! Toca a trabalhar!

(Bate as palmas. Junta-se um grande grupo à volta da porta. Vêm-se os membros do coro vestidos para a representação dos «Mestres Cantores» e figurantes vestidas de bailarinas egípcias da «Aida», que entram pela direita e correm para se juntarem ao pequeno grupo inicial)

O OFICIAL

Serralheiro!... Quero dizer: vidraceiro!... Cumpra o seu dever!

(O Vidraceiro avança de diamante em punho e põe-se a trabalhar)

Um momento como este, meus caros senhores, só acontece uma vez na vida de um homem! É por isso, meus amigos, que lhes peço que pensem bem, que reflitam...

O POLÍCIA

(Entra)

Em nome da Lei!... Proíbo-vos de abrir esta porta!...

O OFICIAL

Mas que complicação, meu Deus!... É sempre assim, quando se quer fazer qualquer coisa de grande e novo!... Seja!... Levaremos o caso aos Tribunais! Apresentaremos queixa!... Vamos ao advogado. Veremos que ainda existe uma Justiça!... Todos ao escritório do advogado!

A cena transformou-se em escritório de advogado. O portão mantém-se, mas serve agora de barreira entre o escritório propriamente dito e a sala de espera. O cubículo da porteira, aberto, transformou-se no escritório do advogado e a tília, despida de folhas, em cabide. O painel de fixação de cartazes está coberto de editais e sentenças. A porta com o trevo fecha um arquivo de documentos.

O advogado, de fato e gravata preta, está sentado à esquerda, por detrás de uma escrivaninha atulhada de papéis. Tem estampada na cara uma tristeza infinita. Tem o rosto branco e coberto de rugas, olheiras roxas. Muito feio, a sua face reflecte todos os crimes e vícios com que o seu ofício o obriga a conviver. Um dos seus empregados é maneta e o outro cego de um olho.

As pessoas que estavam à espera da abertura da porta mantêm-se em cena, como se estivessem agora à espera de serem recebidas pelo advogado. Parecem lá estar desde sempre.

A Inês, que ainda traz o xaile da porteira, e o Oficial, estão em primeiro plano.

O ADVOGADO

(Levanta-se e aproxima-se de Inês)

Minha irmã, quer fazer o favor de me dar o seu xaile? Vou pendurá-lo na parede até que o fogo se acenda no aquecedor. Depois queimo-o, com todas as mágoas e misérias de que ele foi testemunha.

INÊS

Ainda não é a atlura, meu irmão. Quero primeiro, que o xaile esteja saturado. Desejo, sobretudo, recolher nele os teus próprios sofrimentos e todos os crimes, vícios, roubos, calúnias, ofensas que te têm confessado.

O ADVOGADO

O teu xaile não será suficiente, minha querida. Olha para estas paredes! Não se dirá que todos os pecados da terra pousaram nelas? Olha para estes papéis! São relatórios sobre a injustiça!... Olha para mim! Aqui, ninguém sorri, só se vêem olhares maus, bocas que fazem esgares, punhos que se estendem... Todos!... Despejam sobre mim a sua maldade, a sua inveja, as suas desconfianças!... Olha!... As minhas mãos estão negras... já não se podem lavar! Repara em como estão todas gretadas, em como sangram... Só posso usar

a minha roupa durante uns dias, porque, depois... cheira mal, contaminada com os crimes dos outros! Por vezes, queimo enxofre para purificar o ar deste escritório, mas isso não serve de nada! Durmo aqui mesmo ao lado e só sonho com crimes! Nesta altura, estou a tratar da defesa de um assassino... ainda é suportável, mas o pior, sabes o que é? É tratar de divórcios!... É como se saísse das entranhas da terra um grito que subisse até ao céu!... um grito contra a suprema traição, a que insulta a força original, a fonte de todo o bem... o Amor!... Pois bem, vê tu, depois de se terem enchido resmas e resmas de papel com mútuas acusações, basta que um homem cheio de amor pegue num dos cônjuges, à parte, lhe aperte as orelhas e lhe faça, a sorrir, esta simples pergunta: «Mas que censura você ao seu marido — ou à sua mulher?» para que ele — ou ela — fique sem saber dar resposta, incapaz de apresentar as suas próprias razões. Trata-se, uma vez, creio, de uma alface, de outra vez, de uma palavra mal compreendida, e, na maior parte do tempo, de ninharias! Mas a dor, o sofrimento, sou eu que tenho de os suportar!... Olha para mim! Pensas que seria capaz de conquistar o amor de uma mulher com esta cabeça de assassino? Achas que um homem honesto se pode confessar meu amigo? Eu que tenho o encargo de pagar todas as dívidas da cidade? Que sofrimentos causa isto de ser um homem!

INÊS

Como os homens são dignos de lástima!

O ADVOGADO

Como tens razão! Não compreendo como conseguem viver! Casam-se com um rendimento de duas mil coroas, quando precisariam, pelo menos, de quatro mil!... Pedem emprestado!... Forçosamente!... Toda a gente pede emprestado! E assim, lá vão, tem-te-não-caias, até à morte! Por último, só há dívidas, e quem as pagará, no fim de contas?

INÊS

O que dá os pastos às avezinhas!

O ADVOGADO

↙ Ah sim? Pois bem, se o que alimenta as avezinhas quisesse descer à terra para ver como vivem os pobres filhos dos homens, talvez tivesse piedade...

INÊS

Como os homens são dignos de lástima!

O ADVOGADO

Isso! É isso mesmo!

(Dirigindo-se ao Oficial)

Que posso fazer por si?

O OFICIAL

Eu queria muito simplesmente perguntar-lhe se mademoiselle Vitória já saiu.

O ADVOGADO

Não, ela ainda não saiu. Esteja descansado. Que é que o senhor quer do meu arquivo?

O OFICIAL

Tenho a impressão de que esta porta se parece muito com...

O ADVOGADO

Ah não! Não! Não!

(Ouvem-se os sinos das igrejas)

O OFICIAL

Há um funeral na cidade?

O ADVOGADO

Não, trata-se da investidura solene dos doutores da Universidade. Vou lá precisamente para receber o meu diploma de Doutor em Direito. Talvez o senhor gostasse de tam-

bém ser promovido a Doutor e coroado de louros.

O OFICIAL

Ah! Ah! Ah! Palavra de honra! E porque não? Seria um momento bem passado!

O ADVOGADO

Nesse caso, dirijamo-nos, imediatamente, ao local da augusta cerimónia... Mas antes disso... vá mudar de fato!

(O Oficial sai. Escuridão completa durante a qual a cena se transforma)

VI

A cena representa o interior de uma igreja. A barreira separa o coro do altar. O painel publicitário indica a ordem dos cânticos a cantar. A tília-cabide transformou-se num candelabro e a secretária do advogado em cátedra do promotor. A porta com o trevo conduz à sacristia. Os elementos do coro dos «Mestres Cantores» representam agora arautos munidos de lanças e os figurantes da «Aida» trazem coroas de louros. O resto da multidão continua em cena e representa o público. O cenário do fundo desapareceu, substituído por um órgão imenso. O teclado é encimado por um espelho que permite que o organista siga a cerimónia e os gestos dos officiantes.

A cena mantém-se vazia por breves instantes. Os arautos entram pela direita, seguidos pelos figurantes, que estendem coroas de louros. Três impetrantes entram pela esquerda, recebem as coroas, e saem pela direita. O Advogado avança para receber a sua coroa, mas o advogado apoia-se a uma coluna. Saem todos. Fica só.

INES

(Entra, com um véu branco a cobrir-lhe a cabeça e os ombros)

Estás a ver?... Lavei o xaile!... Mas porque é que ainda estás aqui? Não te deram a coroa?

O ADVOGADO

Não, não sou digno dela.

INES

Porquê?... Porque defendes a causa do pobre, porque intervéns a favor do criminoso, porque alivias o culpado do seu fardo, porque consegues uma suspensão de pena para o culpado?... Desgraçados dos homens!... Não são anjos, mas são dignos de lástima!...

O ADVOGADO

Não digas mal dos homens! Sabes bem que é minha obrigação defendê-los!

INES

(Apoia-se no órgão)

Porque é que eles esbofeteiam os amigos?

O ADVOGADO

Porque não sabem o que fazem!...

INÊS

Trabalhemos por os esclarecer! Nós os dois!... Queres?

O ADVOGADO

Os homens não querem ser esclarecidos... oh! se ao menos as nossas queixas pudessem chegar aos deuses do céu!...

INÊS

Elas chegarão ao trono de Deus!...

(Aproxima-se do órgão)

Sabes o que vejo neste espelho? O mundo às avessas!... Sim! Claro, porque ele próprio está ao contrário!

O ADVOGADO

Porque é que o mundo está ao contrário?

INÊS

Quando se fez a cópia...

O ADVOGADO

A cópia!... Disseste bem: a cópia! Sempre pensei que se tratava de uma contrafacção... E quando me veio a lembrança da imagem original, de novo me desiludi. Os homens chamaram-me caturra e acusaram-me de ver o mal em toda a parte!...

INÊS

Sim, como este mundo é insensato! Repara nas quatro Faculdades, todas elas subvencionadas pelo Governo e velando pela Sociedade. A Teologia, o conhecimento de Deus, continuamente negada e ridicularizada pela Filosofia, que, por sua vez, pretende ser a encarnação da suprema Sabedoria! A Medicina que ataca a Filosofia e não considera a Teologia uma ciência, chama-lhe superstição!... E são elas, reunidas no Conselho Supremo da Universidade, que devem inculcar à juventude o respeito pela... Universidade! Aquilo é um manicómio, e desgraçado do primeiro dentre eles que recupera a razão!

O ADVOGADO

Os primeiros curados são os teólogos!... Para se prepararem para os seus estudos, seguem cursos de Filosofia, em que a Teologia é apresentada como uma inépcia! Depois, estudam Teologia, que diz o mesmo da Filosofia! Não é uma história de doidos?

INÊS

A seguir vem o Direito, esse servidor de todos os homens, menos dos servidores!

O ADVOGADO

E a Justiça, que querendo ser justa mata quem a defende!... A justiça que comete tantas injustiças!

INÊS

Filhos dos homens! Como sabeis estragar as melhores coisas! Como sois crianças!... Vem daí comigo! Dar-te-ei uma coroa que te convirá mais do que as outras.

(Coloca uma coroa de espinhos na cabeça do Advogado)

Agora, vou tocar para ti.

(Senta-se ao órgão e toca um «Kyrie», mas em vez da música ouvem-se vozes humanas)

UM CORO INFANTIL

Eterno! Eterno!

(A última nota prolonga-se)

UM CORO DE HOMENS

(Tenores)

Que a tua misericórdia nos salve!

(A última nota prolonga-se)

UM CORO DE HOMENS

(Baixos)

Poupa os teus filhos, Senhor! Afasta de nós a tua ira!

TODOS

Misericórdia! Escuta-nos, Senhor! Piedade para os mortais! Porque estás Tu tão longe de nós? Do fundo do abismo, nós Te imploramos! A Tua Graça, Eterno! Alivia este fardo demasiado pesado para os teus filhos! Que a nossa oração chegue a Ti, ó Eterno! Escuta-nos!...

VII

A cena escurece. Inês levanta-se e aproxima-se do advogado. Uma nova iluminação transformou o fundo da cena e o órgão na Gruta de Fingal, tornando-se os tubos do órgão colunas de basalto. O mar engolfa-se e quebra de encontro às colunas, produzindo um rumor harmonioso em que se distingue o ruído do vento e das vagas.

O ADVOGADO

Onde é que nós estamos, minha irmã?

INÊS

O que é que ouves?

O ADVOGADO

Ouço um ruído de gotas a cair...

INÊS

São as lágrimas dos homens que choram...
Que ouves mais ainda?

O ADVOGADO

Ouço suspiros... o vento que sopra... que geme...

INÊS

São os gemidos dos mortais, que chegam até aqui, mas que não vão mais longe... Porque é que eles gemem? Não haverá na vida um único motivo de alegria?

O ADVOGADO

Há sim! Há a fruição daquilo que é o mais doce, sendo, embora, o mais amargo... o Amor! Uma mulher e um lar! É o que há de mais alto mas também de mais baixo!...

INÊS

Também me será possível conhecer tudo isso?

O ADVOGADO

Comigo?

INÊS

Contigo!... Conheces os escolhos!... Poderemos evitá-los!

O ADVOGADO

Sou pobre!

INÊS

O que é que isso tem, desde que nos amamos? E a beleza não custa nada!

O ADVOGADO

Os meus gostos podem ser opostos aos teus!

INÊS

Procuraremos harmonizá-los!

O ADVOGADO

E se nos cansarmos?

INÊS

Os filhos serão para nós uma ocupação sempre renovada!

O ADVOGADO

E, mesmo assim, gostarias de mim? De mim, que sou pobre, feio, desprezado, renegado por toda a gente?

INÊS

Sim! Unamos os nossos destinos!

O ADVOGADO

Assim seja!

VIII

Um quarto muito simples, por detrás do escritório do advogado. À direita, uma cama de casal, com dossel, posta perto da janela. À esquerda, um fogão e uma bateria de caçarolas.

Cristina calafeta os interstícios da janela com papel gomado, para evitar as correntes de ar.

Ao fundo, a porta que dá para o escritório manteve-se aberta. Podem ver-se os clientes, gente muito pobre, à espera de ser atendida.

CRISTINA

Estou a colar! Estou a colar!

INÊS

(Pálida e emagrecida está sentada perto do fogão)

Não deixas entrar o ar!... Sintō-me abafada!

CRISTINA

Agora só há uma pequena frincha!...

INÊS

Ar! Ar! Não consigo respirar!

CRISTINA

Eu estou a colar! Eu estou a colar!

O ADVOGADO

Muito bem, Cristina! O calor custa dinheiro!

INÊS

Mas é como se me colasse a boca!

O ADVOGADO

(Mantém-se perto da porta, com um papel na mão)

O menino está a dormir?

INÊS

Sim, finalmente!

O ADVOGADO

(Com doçura)

Os gritos dele fazem fugir a clientela!

INÊS

(Amável)

O que é que nós podemos fazer?

O ADVOGADO

Nada!

INÊS

Não será possível alugarmos uma casa maior?

O ADVOGADO

Não temos dinheiro para isso!

INÊS

Posso abrir a janela? Sinto-me abafada neste ar viciado!

O ADVOGADO

Se abrires, vamos sentir frio!

INÊS

É horrível!... Talvez eu pudesse lavar o soalho do teu escritório. Não achas?

O ADVOGADO

És demasiado fraca para esse trabalho, e eu também não me sinto com forças para isso! E a Cristina está ocupada. É preciso que ela cole o papel de calafetar, que tape a mais pequena frincha, em toda a casa, no tecto, nas paredes, no chão...

INÊS

Eu estava preparada para enfrentar a pobreza, mas não a sujidade!

O ADVOGADO

A pobreza é sempre mais ou menos suja!

INÊS

É ainda pior do que tinha imaginado!

O ADVOGADO

Não... não é o pior: ao menos ainda temos que comer!

INÊS

Comer o quê?

O ADVOGADO

As couves são baratas... São boas e alimentam!

INÊS

São boas para quem gosta! Eu, por mim, detesto-as!

O ADVOGADO

Porque é que nunca me disseste isso?

INÊS

Porque te amava!... e queria sacrificar-te os meus gostos.

O ADVOGADO

Sendo assim, também eu devo sacrificar o meu gosto pelas couves... Os nossos sacrifícios devem ser recíprocos.

INÊS

Então o que é que nós comemos?... Peixe? Mas tu tens-lhe horror!

O ADVOGADO

E, além disso, é caro!

INÊS

Tudo isto é mais duro do que eu pensava!

O ADVOGADO

Estás a ver como é difícil!... E o nosso filho que poderia ter sido um laço entre nós dois... uma bênção... leva-nos à nossa perda!

INÊS

Meu amor! Sinto-me morrer neste ar abafado, neste quarto que dá para o pátio, com os gritos do nosso filho e as intermináveis horas de insónia, com toda essa gente lá fora, e os seus gemidos, as suas queixas, as suas acusações... Sinto que morro aqui!

O ADVOGADO

Minha pobre florzinha, privada de ar e luz...

INÊS

E tu dizes que é ainda pior em casa de certas pessoas...

O ADVOGADO

Sou um homem invejado no bairro.

INÊS

Mesmo assim, tudo seria suportável se pudesse fazer com que entrasse nesta casa um mínimo de beleza.

O ADVOGADO

Sei o que vais dizer: uma flor!... Gostarias de ter aqui um girassol, não é? Mas olha que um girassol custa uma coroa e cinquenta, o preço de seis litros de leite ou de quatro arrobas de batatas.

INÊS

Passaria muito bem sem comer... se tivesse ao menos uma flor.

O ADVOGADO

Há uma coisa bela que nada custa e de que é duro ver-se uma pessoa privada quando tem o sentido da beleza.

INÊS

Que beleza?

O ADVOGADO

Tu zangas-te, se eu te dizer!

INÊS

Lembra-te de que assentámos em que nunca nos zangaríamos.

O ADVOGADO

Assentámos!... Sim, é justo e desde que não cheguemos às entoações que ferem... Percebeste? Ainda não?

INÊS

Isso nunca nos acontecerá!

O ADVOGADO

Nunca! Se só dependesse de mim!

INÊS

Então, diz!

O ADVOGADO

Seja!... Quando entro numa casa, a primeira coisa em que reparo é nas cortinas. Como é que elas estão nos esticadores?...

(Dirige-se para a janela e arranja a cortina)

Estarão presas, atadas ou amarrotadas? Depois... vou-me embora!... Deito os olhos às cadeiras... a ver se estão bem alinhadas, fico.

(Põe uma cadeira no lugar, encostada à parede)

A seguir, olho para as velas nos castiçais... Se não estiverem bem aprumadas é porque na casa também não há aprumo!

(Compõe uma vela posta sobre a cómoda)

É esta a beleza, minha amiga, que não custa dinheiro!

INÊS

Por favor, Axel, não me fales num tom assim tão brusco.

O ADVOGADO

Eu não te falei nesse tom!

INÊS

Falaste, sim senhor!

O ADVOGADO

Não! Chiça!

INÊS

Que linguagem!

O ADVOGADO

Desculpa-me, Inês, mas tenho sofrido tanto com a tua desordem como tu podes ter sofrido com a sujidade e não me atrevi a tratar do arrumo da casa com receio de te ofender... Poderias tomar isso como uma censura... Uf! não se fala mais nisso. Estás de acordo?

INÊS

Como é penoso e difícil ser-se marido e mulher! A coisa mais difícil deste mundo! Seria preciso ter-se uma natureza de anjo!

O ADVOGADO

Também acho que sim!

INÊS

Parece-me que vou começar a odiar-te, depois de tudo isto.

O ADVOGADO

Sendo assim, desgraçados de nós!... mas evitemos o ódio! Prometo-te que nunca mais

faço reparos sobre o arranjo da casa... embora isso seja uma tortura para mim.

INÊS

Eu comerei couves, apesar da repugnância que sinto por elas!

O ADVOGADO

Aqui Em resumo, uma coexistência no sofrimento! A satisfação de um provoca a dor do outro.

INÊS

Como os homens são dignos de lástima!

O ADVOGADO

Acabaste, enfim, por compreender?

INÊS

Sim! Mas, por amor de Deus, evitemos os escolhos, agora que nos conhecemos tão bem.

O ADVOGADO

Evitemos! Somos seres humanos e indulgentes... Somos capazes de perdoar... ser indulgentes...

INÊS

E de sorrir das coisas mesquinhas...

O ADVOGADO

Sim! Somos, talvez, as únicas pessoas capazes disso!... Sabes o que li esta manhã no jornal?... A propósito, onde é que está o jornal?

INÊS

Que jornal?

O ADVOGADO

(Com dureza)

Serei, por acaso, assinante de vários jornais?

INÊS

Olha, sorri... e deixa de me falar com tanta dureza... Acendi o lume com o teu jornal...

O ADVOGADO

(De cabeça perdida)

Chça!

INÊS

Vê lá, não te esqueças de sorrir!... Queimei-o... queimei-o porque escarnecia de tudo quanto me é sagrado!

O ADVOGADO

E que para mim é irrisório! Bah!

(Bate as palmas)

Está bem!... toca a sorrir!... de orelha a orelha. Sejam humanos e razoáveis! Vou calar as minhas opiniões... dizer sim a tudo... ser hipócrita... Com que então queimaste o meu jornal?... Muito bem!

(Compõe as cortinas do docel)

Muito bem! E cá estou eu a arrumar a casa; vou fazer com que te zangues... Francamente, Inês... a nossa vida é impossível!

INÊS

Tens razão!

O ADVOGADO

No entanto... devemos aguentar... Oh! não é por causa das promessas que nos unem... mas por causa do nosso filho.

INÊS

É verdade!... por causa do nosso filho! Oh! meu Deus! Devemos suportar tudo!

O ADVOGADO

Bem!... Tenho de ir ver os meus clientes... Estás a ouvir o barulho que eles fazem, a impaciência que têm em se dilacerarem uns aos outros, em se perseguirem... por meio de multas e penas de prisão?... Almas danadas!

INÊS

Pobres, pobres homens!... E esta mulher que nunca mais pára de colar papéis!

(Baixa a cabeça, presa de mudo desespero)

CRISTINA

Eu estou a colar! Eu estou a colar!

(O advogado, diante da porta, mexe, com mão nervosa, na fechadura)

INÊS

Como essa fechadura range! É como se tu te apoiasses ao meu coração!...

O ADVOGADO

Eu apoio!... Eu apoio!...

INÊS

Não faças isso!...

O ADVOGADO

Eu apoio!...

INÊS

Não!...

O ADVOGADO

Eu ap...

O OFICIAL

(Sai do escritório, entra na sala e põe a mão no puxador da porta)

Dá-me licença?

O ADVOGADO

(Larga o puxador)

Faz o favor! O senhor agora é Doutor!...

O OFICIAL

Daqui em diante... a vida pertence-me. Estão-me abertas todas as carreiras. O Parnaso está conquistado! Os louros, a imortalidade... a glória... tudo me pertence!

O ADVOGADO

E de que é que vai viver?

O OFICIAL

Viver?

O ADVOGADO

Sim! Precisa de uma casa... de se vestir... e de comer!

O OFICIAL

Bah! Isso sempre se arranja! Desde que alguém nos ame!

O ADVOGADO

Olha! Olha! por exemplo!... Continue a colar, Cristina, continue, e que eles os dois se sintam abafar!

(Sai às arrecuas, a abanar a cabeça)

CRISTINA

Estou a colar! Estou a colar!... e que eles abafem!

O OFICIAL

Vem daí comigo!

INÊS

Imediatamente!... mas para onde?

O OFICIAL

Para a Praia-Bela! Lá, é sempre Verão, o Sol nunca deixa de brilhar. É só juventude, crianças e flores, cantos, danças, festas, alegria!

INÊS

É para lá que eu quero ir!

O OFICIAL

Vem daí!

O ADVOGADO

(Torna a entrar no quarto)

Volto ao meu inferno... que era só o segundo, mas o pior! O inferno mais doce é também o pior... Vamos!... Ela ainda espalhou pelo chão os ganchos do cabelo!

(Apanha os ganchos do cabelo que juncam o chão)

O OFICIAL

Olha! Ele também viu os ganchos!

O ADVOGADO

Também?... Repara neste aqui!... Duas hastes... mas um único gancho! Dois, e que

não fazem mais do que um! Se o endireitar fica só uma haste. Se o dobrar, há duas, mas sem deixarem, por isso, de ser uma só! Repara: dois fazem um!

(Parte o gancho e deita fora os pedaços)

O OFICIAL

Realmente? O senhor viu tudo isso?... Mas, diga-me, antes de partir o gancho, é necessário que as duas hastes sejam divergentes. Se forem convergentes... o gancho aguenta-se!

O ADVOGADO

E se forem paralelas... nunca se encontram. Não se aguentam... mas também não se partem!

O OFICIAL

O gancho de cabelo é a coisa mais perfeita até hoje criada: uma linha recta... igual a duas paralelas!

O ADVOGADO

Uma fechadura que fecha embora se mantenha aberta!

O OFICIAL

Aberta, fecha uma madeixa de cabelos que se mantém aberta estando, embora, fechada!...

O ADVOGADO

É como esta porta, Inês... ao *fechá-la* por detrás de mim, *abro-te* o caminho da liberdade!

(Sai, fechando a porta detrás dele)

INÊS

E agora?

IX

Mudança de cena: a cama e o docel transformam-se numa tenda. O fogão continua no seu lugar. O pano de fundo é substituído por um novo cenário:

À direita, em primeiro plano, rochedos e montanhas queimadas, cobertas de névoas vermelhas e de troncos brancos e negros, a testemunhar um incêndio recente na floresta. Estábulos e pocilgas pintadas de vermelho. Em frente, um ginásio onde os doentes fazem movimentos de reeducação física, para o que utilizam aparelhos semelhantes a instrumentos de tortura.

À esquerda, no primeiro plano, só se vê parte de um hangar aberto: trata-se do edifício da quarentena, com as suas fornalhas, caldeiras e tubagens.

A meio do cenário uma baía. O fundo representa uma margem verdejante com embarcadouros ornados de pavilhões multicores. Barcos de velas brancas, içadas ou ferradas. Pequenas vilas italianas, pavilhões, quiosques, estátuas de mármore surgem por entre

as árvores. O Mestre de Quarentena, vestido de mouro, caminha à beira-mar.

O OFICIAL

(Vai ter com ele e aperta-lhe a mão)

Esta agora! Mas é o Ordstrom!... O que é que tu estás aqui a fazer?

O MESTRE DE QUARENTENA

Sim! Sou o Ordstrom em pessoa!

O OFICIAL

E estamos mesmo na Bela-Praia?

O MESTRE DE QUARENTENA

Não!... A Bela-Praia fica em frente! Aqui é a Praia da Morte!

O OFICIAL

Sendo assim, perdemo-nos no caminho!

O MESTRE DE QUARENTENA

Perdemo-nos?... Queres fazer o favor de me apresentar?...

O OFICIAL

Não, acho que não seria conveniente.

(A meia voz)

Olha, é a filha de Indra!

O MESTRE DE QUARENTENA

A filha de Indra? Eu estava convencido de que era Varuna em pessoa!... E não te espantas de me ver com esta cara toda enfarruscada?

O OFICIAL

Meu rapaz, olha que já tenho cinquenta anos; com a minha idade, uma pessoa já não se espanta seja com que for... Pensei logo queias para um baile de máscaras.

O MESTRE DE QUARENTENA

Pois é isso mesmo, e espero que queiras vir daí comigo.

O OFICIAL

Com certeza!... Tanto mais do que isto aqui... não tem o que se possa dizer um ar muito divertido!... Quem é esta gente?

O MESTRE DE QUARENTENA

São os doentes. As pessoas saudáveis moram do outro lado.

O OFICIAL

Nesse caso, aqui só há pobres?

O MESTRE DE QUARENTENA

Claro que não, meu caro amigo! Também há gente rica! Repara naquele ali, no banco de tortura. Comeu tanto «foie-gras» e bebeu tanto vinho de boas marcas que lhe apodreceram os pés!

O OFICIAL

Apodreceram?

O MESTRE DE QUARENTENA

Isso mesmo. Tem os pés podres como um cepo velho!... E o outro, que está deitado debaixo daquela espécie de guilhotina... encharcou-se tanto em conhaque que somos obrigados a passar-lhe a espinha pelo compressor!

O OFICIAL

Sendo assim, nada se aproveita!

O MESTRE DE QUARENTENA

É nesta margem que moram todos os que têm uma miséria a esconder. Repara naquele, por exemplo...

(Um «velho ginja» entra, numa cadeira de rodas, empurrada por uma velha muito petulante, de uns sessenta anos, feia, arrebicada, vestida à última moda, que, por sua vez, é escoltada e cortejada por um «amigo» quadragenário)

O OFICIAL

Mas é o Comadnnate!... nosso colega de escola!

O MESTRE DE QUARENTENA

Don Juan!... Repara! O tipo continua apaixonado pela bruxa velha que está ao lado dele. O nosso homem nem nota que ela envelheceu, que é feia, cruel... e infiel!

O OFICIAL

Mas... o amor é isso mesmo!... No entanto, nunca supus que um penetra daqueles fosse capaz de um amor assim tão duradouro e profundo!

O MESTRE DE QUARENTENA

Só tens olhos para o lado bom das coisas!

O OFICIAL

Eu também amei... Sim, Vitória! E continuo à espera dela à saída da Ópera.

O MESTRE DE QUARENTENA

Ah! ah!... com que então és tu o tipo que faz pé-de-alferes à saída da Ópera?

O OFICIAL

Sim, sou eu.

O MESTRE DE QUARENTENA

Vocês sempre conseguiram abrir a porta?

O OFICIAL

Ainda não... Continuamos a tratar disso... mas o colador de cartazes foi à pesca, com o seu camaroeiro, claro, de maneira que continuamos à espera das testemunhas e o processo vai-se arrastando... Entretanto, o vidraceiro colocou os vidros no castelo que já cresceu coisa de meio andar... Foi um ano excepcional!... Quente e húmido.

O MESTRE DE QUARENTENA

Ainda assim não foi tão quente como cá por estas bandas!

O OFICIAL

Qual é a temperatura dos teus fornos?

O MESTRE DE QUARENTENA

Para a desinfecção das pessoas suspeitas de cólera... subimos até aos sessenta graus!

O OFICIAL

Há uma nova epidemia de cólera?

O MESTRE DE QUARENTENA

Como? Mas então tu não sabes?

O OFICIAL

Claro que sei! Mas... esqueço-me tantas vezes daquilo que sei!

O MESTRE DE QUARENTENA

Também eu gostaria, muitas vezes, de me poder esquecer, em especial de mim mesmo! É por isso que frequento os bailes de máscaras e as companhias de teatro amador.

O OFICIAL

Então, o que é que tens feito?

O MESTRE DE QUARENTENA

Se eu te disser... vão, mais uma vez, afirmar que me gabo, e, se me calo, vão considerar-me hipócrita.

O OFICIAL

Foi por isso que pintaste a cara de preto?

O MESTRE DE QUARENTENA

Bem... ficou apenas um bocado mais escura do que o natural.

O OFICIAL

Quem é aquele indivíduo ali que caminha para nós?

O MESTRE DE QUARENTENA

Oh!... é um poeta... vem tomar o seu banho de lama!

(O poeta entra, de olhos em alvo, com um balde de lama na mão)

O OFICIAL

Pois eu acho que ele está a precisar mas é de banhos de sol!

O MESTRE DE QUARENTENA

De modo nenhum!... O nosso homem anda sempre na estratosfera, acima das nuvens, de modo que tem a nostalgia da lama... sonhando em rolar nela!... A lama endurece a pele! Como a dos porcos!... Depois disso, uma pessoa deixa de sentir as picadas dos moscardos!

O OFICIAL

Que mundo tão estranho, cheio de contradições!

O POETA

(Em êxtase)

Barro... O Deus e Pta'h criou o homem numa roda de oleiro.

(Céptico)

ou noutra coisa qualquer...

(Extasiado)

De barro... são feitos os recipientes tão necessários na cozinha e a que se dão nomes tão vulgares como bilhas, pratos...

(Céptico)

chamem-lhe como quiserem, eu cá por mim estou-me marimbando!

(Extasiado)

Isto aqui é barro!... empapado em água, chamam-lhe lama!... «That's my business!»

(Chama)

Lina!

(Lina entra, com um balde na mão)

O POETA

Lina! Chega aqui, para que a menina Inês te veja! Ela conheceu-te há dez anos, quando eras uma moça jovem, alegre, pode mesmo dizer-se, muito bonita!... Reparem nela agora!... Cinco filhos... o trabalho... os gritos... a fome... as pancadas!... Vejam como a beleza se desvaneceu! Como a alegria desapareceu no exercício das suas obrigações, as suas obrigações prometedoras de uma satisfação interior, que se reflecte nas linhas harmoniosas do rosto e no brilho tranquilo do olhar!

O MESTRE DE QUARENTENA

(Tapa-lhe a boca)

Cala-te! Cala-te!

O POETA

É o que dizem todos!... E quando uma pessoa se cala, ordenam: fala!... Os homens são impossíveis!

INÊS

(Aproxima-se de Lina)

Conta-me as tuas mágoas.

LINA

Nunca me atreverei a isso! A minha sorte tornar-se-ia pior ainda.

INÊS

Quem é, portanto, assim tão cruel para contigo?

LINA

Não me atrevo a dizer o nome... batiam-me!

O POETA

Cá está!... A vida é isto!... Mas eu vou dizer-lhe, ainda que o Mouro me parta os dentes! Vou dizer-lhe que, muitas vezes... a injustiça é enorme! Inês, filha de Deus, estás a ouvir a música e a dança lá no alto da colina?... Pois bem... É a irmã de Lina que voltou da cidade onde se portou mal... Percebes onde quero chegar... E, agora, estão a matar o vitelo mais gordo, todos se sentem, lá em cima, muito satisfeitos, mas Lina, que ficou em casa, tem de levar a vianda aos porcos!

INÉS

As pessoas estão contentes porque a filha perdida reencontrou o caminho certo, e não apenas porque regressou. Repara bem na diferença!

O POETA

Mas então... organize-se um baile, com um banquete... todas as noites! em honra desta trabalhadora irrepreensível que nunca se arrastou nas valetas!... Faça-se isso por ela!... Mas não! Nada!... Lina, quando tem algum tempo livre, ainda é obrigado a ir ao Templo para ouvir dizer que não é perfeita... Será isto a Justiça?

INÉS

É difícil para mim dar-lhe uma resposta... porque... há casos imprevistos...

O POETA

Também pensava assim o califa Harun Al Rachid, o Justo! Sempre imóvel, do alto do seu trono, não lhe podia ver como se vivia junto ao chão! As queixas acabaram por subir até ele. Então, um belo dia, abandonou o trono, disfarçou-se para que ninguém o conhecesse, indo misturar-se com o seu povo, para ver o que era a justiça.

INÉS

Ainda assim, o senhor não acredita que eu seja Harun, o Justo, pois não?

O POETA

E se mudássemos de assunto?... Vem ai gente!

Um barco branco, em forma de «drakkar», com uma vela de seda azul celeste, numa verga e num mastro dourados, com uma bandeira cor-de-rosa, atravessa a baía, vindo da esquerda. Ao leme, Ele e Ela de braços passados pela cintura um do outro.

O OFICIAL

Temos diante dos nossos olhos a felicidade perfeita! A felicidade sem limites! O canto de triunfo de um jovem amor!

(A cena ilumina-se)

ELE

(No barco, levanta-se e canta)

Praia Bela, eu te saúdo,
E que vivam a Primavera da minha idade
E os meus primeiros sonhos cor-de-rosa.
Levo-te agora uma rosa.
Nunca mais conhecerei a solidão

A que já estive sujeito nesta terra.
E que as baías e as marés.
Os céus e os bosques
Saúdem o meu sol, a minha vida,
A minha mulher, o meu amor, a minha
[amiga!

(Os pavilhões saúdam. Agitam-se lenços brancos nos embarcadouros das «vilas». Ouvem-se acordes de harpas e violinos)

O POETA

Vejam como os dois estão radiantes! Escutem esta música a vibrar! Eros!

O OFICIAL

É Vitória!

O MESTRE DE QUARENTENA

E depois?

O OFICIAL

É a sua Vitória, mas eu também tenho uma e a minha, ninguém a ninguém!... Icem o pavilhão da quarentena, que eu vou lançar o cabo.

(O Mestre de Quarentena agita uma bandeira amarela)

O OFICIAL

(Lança um cabo que puxa o barco para a Praia da Morte)

Olá!... Parem!...

(Ele e ela contemplam com terror a horrível paisagem)

O MESTRE DE QUARENTENA

Pois é!... Não tem graça nenhuma, mas é dos regulamentos! Todos quantos vêm de regiões contaminadas são obrigadas a acostar aqui!

O POETA

Como é que o senhor pode falar e agir dessa maneira se há dois seres que se amam profundamente? Não lhes toque, não toque no amor! Isso é um crime de alta traição!... Desgraçados de nós! Tudo quanto é belo se vê arrastado pela lama!

(Ele e Ela desembarcam, tristes e envergonhados)

ELE

Que desgraça!... Mas o que foi que nós fizemos?

O MESTRE DE QUARENTENA

Não é necessário ter feito seja o que for para conhecer as pequenas vicissitudes da vida!

ELA

Como duram tão pouco a felicidade e a alegria!

ELE

Quanto tempo seremos obrigados a ficar?

O MESTRE DE QUARENTENA

Quarenta dias e quarenta noites!

ELA

Antes deitarmo-nos à água!

ELE

Viver neste lugar! No meio dos porcos e das colinas queimadas?

O POETA

Mas o amor triunfa de tudo!... Mesmo dos vapores de enxofre e de fenol!

O MESTRE DE QUARENTENA

(Acende o fogão, levantando-se chamuscas azuis de enxofre)

Entrem! Estou a acender o enxofre! Entrem, entrem!

ELA

Oh! O meu vestido azul vai perder a cor!

O MESTRE DE QUARENTENA

Vai ficar branco! E as tuas rosas vermelhas também vão embranquecer!

ELE

Assim como as tuas faces!... em quarenta dias!...

ELA

(Dirigindo-se ao Oficial)

Aí está uma coisa que te deve dar prazer!

O OFICIAL

Não!... A tua felicidade está na origem das minhas mágoas... é verdade... mas pouco importa! Eu agora sou Doutor; tenho uma situação à minha frente... Sim! Vou ocupar.

este Outono, um lugar no liceu... para ensinar aos rapazes as lições que eu próprio aprendi na minha infância, as mesmas lições... durante toda a minha idade madura e na velhice. Duas vezes dois, quantos são? E quatro a dividir por dois?... Até ao dia da minha reforma, em que nada mais terei de fazer do que esperar pelas refeições e pelos jornais... e, por fim, levar-me-ão para o crematório... Não há reformados por aqui?... Voltar à escola, quando se é promovido a Doutor, fazer as mesmas perguntas até à morte... Penso que é o pior que há depois de duas vezes quatro!

(Passa um senhor de idade, de mãos atrás das costas)

Aí temos um reformado à espera do fim! Trata-se de um capitão que nunca chegou a major ou, então, de um funcionário subalterno que nunca chegou a chefe de secretaria... Muitos são os chamados e poucos os escolhidos... O nosso homem está à espera da hora do almoço!...

O REFORMADO

Não! estou à espera do jornal... do jornal da manhã!

O OFICIAL

E só tem cinquenta e quatro anos! Restam-lhe ainda vinte e cinco para suspirar de-

pois das refeições e de ter lido os jornais... É horrível!

O REFORMADO

O que é que é horrível?... Diga-me, sim, diga-me!

O OFICIAL

Diga-me quem o souber!... Vou ensinar aos garotos quantos são duas vezes quatro! Quantos são quatro a dividir por dois?...

(Desesperado, leva as mãos à cabeça)

E Vitória a quem tanto amava e a quem desejava a maior felicidade na terra?... Ela conhece agora a maior das felicidades!... E eu sofro!... Eu sofro!... Eu sofro!...

ELA

Achas que posso ser feliz quando te vejo sofrer? Como é que podes acreditar numa coisa dessas? Se isso te pode servir de alívio, pensa que vou ficar prisioneira, aqui, durante quarenta dias e quarenta noites!... Servir-te-á de algum alívio tal pensamento?

O OFICIAL

Sim e não!... Poderei eu ser feliz quando tu sofres?

ELA

E acreditas que a minha felicidade possa assentar nos teus sofrimentos?

O OFICIAL

Pobres de nós!... de todos nós!

(Ergam TODOS os braços ao céu, soltando gritos de dor, num acorde dissonante)

Oh!

INÊS

Escuta-os, oh Eterno!... A vida é dura e os homens são dignos de lástima!

TODOS

(Como anteriormente)

Oh!

X

A cena escurece por instantes. As personagens em cena saem ou mudam de lugar. Ao voltar a luz, vê-se ao fundo, na sombra, a Praia da Morte. A meio caminho, a baía em plena luz e, no primeiro plano, a Praia Bela. À direita, um pormenor do Casino, de janelas abertas. No interior, vêem-se pares que dançam. Sentadas num caixote vazio, três criadas; de mãos pela cintura umas das outras, olham para os dançarinos. Na grande escadaria do Casino, Edite, «a feia», de cabelos emaranhados, sentada diante de um piano.

À esquerda, uma casa de madeira, pintada de amarelo.

Duas crianças, em trajas de Verão, jogam à bola.

No segundo plano, um embarcadouro com veleiros brancos. Na baía, um navio de guerra, um brigue branco de escotilhas negras.

Paisagem de Inverno; neve e árvores despidas de folhas.

Inês e o Oficial entram.

INÊS

Aqui, reinam a paz e a felicidade! Está-se na época das férias e o trabalho parou. Todos os dias são de festa! As pessoas vestem roupas domingueiras. A música e a dança começam logo pela manhã!

(Dirigindo-se às criadas)

Porque é que vocês, minhas filhas, não vão dançar?

AS CRIADAS

Nós?

O OFICIAL

Mas, repara, olha que são criadas!

INÊS

Ah! é verdade! Mas porque é que Edite se deixa estar onde está em vez de ir dançar?

(Edite esconde o rosto nas mãos)

O OFICIAL

Não lhe pergunes... Está sentada há umas três horas, e ainda ninguém a convidou...

(O oficial entra na casa amarela, à esquerda)

INÊS

Que prazer tão cruel!

A MÃE

(Entra, de vestido decotado; dirige-se a Edite)

Porque é que não vais dançar, como eu te disse?

EDITE

Porque... Não posso pôr-me em leilão!... Sei muito bem que sou feia. Por isso ninguém quer dançar comigo; mas podiam evitar lembrar-mo!

(Põe-se ao piano e toca a «Toccat e fuga» n.º 10 de João Sebastião Bach. Quando se põe a tocar, ouve-se uma valsa na sala de baile. As duas músicas travam um duelo, mas, por fim, a «Toccat» triunfa e faz calar a valsa. Os dançarinos abandonam em grande número a sala de baile e vêm ouvir Edite, com o maior recolhimento)

UM OFICIAL DE MARINHA

(Segura Alice, uma das dançarinas, pela cintura e arrasta-a para o cais)

Vamos, vem daí depressa!

(Edite pára de tocar, levanta-se e deita-lhes um olhar desesperado)

XI

A parede exterior da casa amarela desaparece. Vêm-se três carteiras a que estão sentados uns tantos estudantes. Entre estes, o Oficial, inquieto e preocupado. O professor usa óculos, e tem um pedaço de giz e uma vara na mão. Está de frente para os alunos.

O PROFESSOR

(Dirigindo-se ao Oficial)

Pois bem, meu rapaz, serás capaz de me dizer quantos são duas vezes dois?

(O Oficial mantém-se sentado; procura, dolorosamente, na lembrança, sem ser capaz de dar com a resposta)

Levanta-te quando estiveres a ser interrogado!

O OFICIAL

(Ansioso, levanta-se)

Duas vezes dois... vejamos duas vezes dois são... dois dois!

O PROFESSOR

Achas que sim?... Vejo que não estudaste a lição!

O OFICIAL

(Envergonhado)

Estudei, sim senhor! Eu até sei a resposta... mas... não consigo dar com as palavras!...

O PROFESSOR

Estás a ver se descobres um subterfúgio!... Sabes a resposta mas não és capaz de a dar... Pois então vou dar-te uma ajuda!

(Puxa-lhe os cabelos)

O OFICIAL

Oh! isto é horrível! Horrível!

O PROFESSOR

Sim, é horrível ver um rapagão como tu ter assim tanta falta de brio!

O OFICIAL

(Dolorosamente)

Um rapaz crescido, sim! Sou grande!...
Muito maior do que estes aqui!... Sou
adulto!... Há muito que deixei a escola!...

(Como se acordasse)

Fui promovido a Doutor!... O que é que
eu estou aqui a fazer?... Afinal sou ou não
sou Doutor?...

O PROFESSOR

Claro! Claro!... Mas tens que te sentar
nessa carteira... para amadurecer!... Tens de
amadurecer, não é verdade?

O OFICIAL

(Passa a mão pela testa)

É isso, é!... É preciso amadurecer!... Mas
duas vezes dois são dois e eu vou prová-lo
por meio de um raciocínio analógico, que é a
mais irrefutável das provas... Ora ouça:
uma vez um é um, logo duas vezes dois são
dois!... O que é válido para um caso é válido
para o outro!

O PROFESSOR

A tua resposta é perfeitamente lógica, mas
é falsa!

O OFICIAL

Mas o que é lógico não pode ser falso!...
Vejamos: um a dividir por um é um, logo
dois a dividir por dois é dois!

O PROFESSOR

Analogicamente, é, de facto, exacto!...
Mas, nesse caso, quanto é uma vezes três?

O OFICIAL

Três!

O PROFESSOR

Portanto... duas vezes três também são
três!

O OFICIAL

(Reflecte)

Mas não! é absurdo! Não, não é possí-
vel!... ou então...

(Senta-se, desesperado)

Não, ainda não estou suficientemente ma-
duro!...

O PROFESSOR

Tens de amadurecer muito mais!

O OFICIAL

Mas quanto tempo vou eu ficar aqui?

O PROFESSOR

Quanto tempo?... Aqui?... Mas, então, tu acreditas que o tempo e o espaço existem?... E, se acreditas, será capaz de me dizer o que é o tempo?... O que é o tempo?

O OFICIAL

O tempo?...

(Reflecte)

Não sou capaz de o definir, mas sei o que é!... Portanto, sou muito bem capaz de saber quantos são duas vezes dois sem conseguir dar uma explicação!... E o senhor é capaz de me dizer o que é o tempo?

O PROFESSOR

Claro que sim!

O OFICIAL

Então diga!

O PROFESSOR

O tempo?... Vejamos!...

(Mantém-se imóvel, de dedo no nariz)

Enquanto falamos, o tempo foge!... Portanto... o tempo é uma coisa que foge enquanto falo!

UM ALUNO

(Levanta-se)

E eu fujo enquanto os senhores falam! Portanto, eu sou o tempo!

(Sai a correr)

O PROFESSOR

É perfeitamente justo, segundo as leis da lógica.

O OFICIAL

Mas nesse caso, as leis da lógica são falsas, logo, Nils, que acaba de fugir, não pode ser o tempo!

O PROFESSOR

É igualmente justo segundo as leis da lógica... embora seja falso!

O OFICIAL

Sendo assim, a lógica não tem sentido!

O PROFESSOR

Parece-me bem que sim!... Mas se a lógica não tem sentido, é porque o mundo inteiro é absurdo!... E que diabo faço eu aqui a ensinar-lhe o que é absurdo?... Se alguém me quiser oferecer um copo de «schnaps», iremos tomar um banho!

O OFICIAL

Atenção!... O que acaba de dizer é um «posterus prius», a menos que não seja um não-senso! Porque o costume impõe que se tome primeiro o banho e se beba o «schnaps» depois!... Velho tonto!

O PROFESSOR

Um pouco de modéstia, senhor Doutor!

O OFICIAL

Senhor Oficial, se fizer o favor!... Sou oficial e não compreendo porque é que estou aqui, a ser repreendido no meio dos estudantes!

O PROFESSOR

(Levantando o dedo)

Para amadurecer!

O MESTRE DE QUARENTENA

(Entra)

Começamos a quarentena!

O OFICIAL

Bem, cá estás tu!... Vê lá tu que me obrigaram a sentar no meio dos alunos da escola primária, embora seja doutor!

O MESTRE DE QUARENTENA

Porque é que não te foste embora?

O OFICIAL

Ir-me embora?... Não é assim tão fácil como isso!

O PROFESSOR

Também acho que sim. Mas tenta sempre!

O OFICIAL

(Dirigindo-se ao Mestre de Quarentena)

Salva-me!... Tenho medo do olhar dele!

O MESTRE DE QUARENTENA

Anda, vem daí!... Vem dançar connosco!...
Devemos dançar antes que a peste se espalhe... Devemos dançar!...

O OFICIAL

Sendo assim... o brigue vai partir?

O MESTRE DE QUARENTENA

O brigue vai ser o primeiro a partir...
Esperemos pelas lágrimas!

O OFICIAL

Choros, sempre choros! Chora-se quando se chega, chora-se quando se parte!... Vam-nos embora!

(Saem. O Professor continua a dar a aula, mas em silêncio)

As criadas, que estavam sentadas diante da janela do Casino, dirigem-se, tristemente, para o cais de embarque. Edite, que se mantivera imóvel diante do piano, segue o mesmo caminho.

INÊS

(Ao Oficial)

Não há, portanto, um único ser feliz neste paraíso?

O OFICIAL

Há! Repara naquele jovem casal... Vamos ouvir o que dizem um ao outro!

(Os recém-casados entram.)

O MARIDO

(À mulher)

A minha felicidade é tão grande que sinto vontade de morrer!

A MULHER

Mas morrer porquê?

O MARIDO

Porque até na mais perfeita felicidade já se encontra, em germe, a infelicidade. A felicidade consome-se como uma chama que, tarde ou cedo, terá de se apagar, e este sentimento anula-a no preciso momento em que é mais intensa.

A MULHER

Sendo assim, morramos os dois ao mesmo tempo!... Agora mesmo!

O MARIDO

Morrer?... Sim!... Tenho receio da felicidade, sempre pronta a trair!

(Descem em direcção ao mar)

INÊS

(Ao Oficial)

Como a vida é cruel! Como os homens são dignos de lástima!

O OFICIAL

Repara agora em quem se encaminha para nós! É o homem mais invejado da região.

(Entra um cego)

É proprietário de mais de cem vivendas. Todas estas baías, todos estes golfos, todas estas praias lhe pertencem. É dono até dos peixes que nadam nas águas, das aves que voam no céu, da caça que anda pelas florestas! Tem dois mil inquilinos, o Sol levanta-se no mar que lhe pertence e põe-se em terras de que é o dono...

INÊS

E ele também se queixa?

O OFICIAL

E com razão, porque não pode ver!

O MESTRE DE QUARENTENA

É cego!

INÊS

E, no entanto... invejam-no como pessoa!

O OFICIAL

Veio para assistir à partida do brigue; tem um filho a bordo.

O CEGO

Não vejo mas ouço. Ouço a âncora que se solta do fundo lodoso como o anzol que se arranca do peixe, arrancando-lhe, assim, o coração!... Meu filho... o meu único filho embarca para regiões distantes e só o posso acompanhar em pensamento... Ouço a corrente que range... e também... qualquer coisa que bate ao vento como roupa a secar na corda... talvez sejam lenços molhados de lágrimas... Ouço ruídos... como se fosse a respiração ofegante de pessoas a chorar... Não sei se são as ondas a bater no costado do navio ou se são as jovens da praia... as jovens abandonadas... inconsoláveis... Perguntei um dia a uma criança porque é que o mar

era salgado e ela, cujo pai era marinheiro de longo curso, respondeu-me: «É por causa das lágrimas da gente que anda no mar.» E porque é que essas pessoas choram tanto?... «Porque são constantemente obrigadas a partir — disse-me ela — e é por isso que põem todos os dias os lenços a secar no alto dos mastros...» E porque é que os homens choram quando têm algum desgosto?... Para que tenham os óculos lavados de vez em quando... e possam, assim, ver mais claro...

(O brigue iça as velas e afasta-se. As jovens, à beira-mar, ora agitam os lenços oram secam as lágrimas. Um pavilhão sobe ao mastro. É o sinal «sim»: um círculo vermelho sobre fundo branco. Alice, louca de alegria, agita, freneticamente, o lenço)

(Ao Oficial)

INÊS

O que é que significa aquele pavilhão?

O OFICIAL

Quer dizer sim!... É o sim do tenente a Alice... Dir-se-ia um coração pintado com sangue vermelho sobre a tela azul do céu.

INÊS

E como é que se diz não?

O OFICIAL

Em azul!... Azul como o sangue podre nas veias azuis... Mas repare em como Alice se sente feliz!

INÊS

Mas o senhor não reparou no desgosto de Edite!

O CEGO

Encontrarem-se as pessoas... e depois, separarem-se... Separarem-se para voltarem a encontrar-se... É a vida! Encontrei a mãe dele e ela depois partiu. Restava-me o meu filho, e ele parte, por sua vez!

INÊS

Mas volta com toda a certeza!

O CEGO

Quem é que está a falar?... Ouvi esta voz, em tempos, nos meus sonhos, na minha juventude, começavam as férias grandes... quando me casei... quando nasceu o meu filho... de cada vez que a vida me sorriu, ouvi esta voz, semelhante ao canto do vento Sul, como um acorde de harpas celestes... tal como imagino o coro dos anjos, a noite de Natal...

O Advogado entra, dirige-se ao cego e fala-lhe em voz baixa)

O CEGO

Mas isso é verdade?

O ADVOGADO

Sim! Tal qual!

(Dirige-se a Inês)

Já viste quase tudo mas ainda não sentiste o pior.

INÊS

O que é que poderá ser?

O ADVOGADO

O eterno recomeço... a repetição... voltar atrás... voltar a aprender... Vem daí comigo!

INÊS

Para onde?

O ADVOGADO

A cumprir as tuas obrigações!

INÊS

Quais?

O ADVOGADO

Tudo o que causa horror! Tudo o que não queres e és obrigada a fazer! Renunciar, sacrificar-se, privar-se uma pessoa... Tudo o que é desagradável, penoso, repugnante...

INÊS

Mas... não existem obrigações agradáveis?

O ADVOGADO

Só se tornam agradáveis uma vez cumpridas!

INÊS

Quando deixam de existir!... Se o dever é tudo quanto é penoso, que nome é que se dá ao que é agradável?

O ADVOGADO

O que é agradável... é o pecado!

INÊS

O pecado?

O ADVOGADO

Sim, e o pecado deve ser punido!... Se passar um dia e uma noite alegres, no dia seguinte sofro os tormentos do inferno e tenho má consciência.

INÊS

Como é estranho!

O ADVOGADO

Sim!... De manhã levanto-me com dores de cabeça. É nessa altura que começo a fazer a revisão de tudo o que se passou no dia anterior, a recapitulação em sentido contrário, e tudo o que então me pareceu belo, tudo o que tinha sido agradável, espiritual toma, na minha memória, um aspecto repugnante e estúpido! O prazer apodrece, a alegria desvanece-se. Aquilo a que os homens chamam êxito acaba sempre por ser a causa das suas futuras contrariedades. Foram os êxitos que conheci os causadores da minha perda! Por instinto, os homens sentem sempre horror pela felicidade dos outros. Acham injusto que o destino favoreça outro indivíduo em vez deles, e para restabelecer o equilíbrio deitam pedras para o jardim daquele... Ter talento representa um grande perigo moral. Acontece, muitas vezes, e tão facilmente, a quem o tem, morrer de fome!... Vamos!... Volta às tuas obrigações, senão levo-te perante os

tribunais, ao longo das três instâncias... uma... duas... três!

INÊS

Voltar?... Ao meu forno? À panela das couves, aos cueiros dos filhos?

O ADVOGADO

Sim!... Hoje é dia de lavar a roupa!... É preciso lavar todos os lenços...

INÊS

Oh!... recomeçar tudo, não é?

O ADVOGADO

A vida não é apenas feita de recomeços!... Olha para o Professor: foi ontem promovido a Doutor, coroado de louros, dispararam o canhão em sua honra, subiu ao Parnaso!... Foi abraçado pelo Rei!... e hoje... regressa à escola, a perguntar quantos são duas vezes dois, e isto até à hora da morte!... Vamos, vem daí! Volta para casa!

INÊS

Antes morrer!

O ADVOGADO

Não temos o direito de morrer!... Em primeiro lugar, é desonroso! Cobririam de insultos o teu cadáver... e depois serias condenada às penas do Inferno: é um pecado mortal!

INÊS

Não é nada fácil viver uma vida humana!

TODOS

Bravo!

INÊS

Já não quero viver entre vós, no meio da imundície e do desprezo!... Quero voltar para donde vim... lá no alto! Mas antes disso é preciso que a porta seja aberta, que eu conheça o segredo!... Quero que a porta seja aberta!

O ADVOGADO

Nesse caso, tens de voltar atrás, pelo mesmo caminho... suportar, de novo, todos os dissabores do processo, as reclamações, as rasuras, as intrigas...

INÊS

Seja!... Antes disso, porém, vou-me retirar para a solidão e o deserto, para me reencontrar... Voltaremos a ver-nos!...

(Para o poeta)

Vem daí comigo!

(Ouvem-se lamentações provenientes da margem oposta)

AS VOZES

Oh!... Que desgraça!... Desgraçados de nós!...

INÊS

O que é que se passa?

O ADVOGADO

São os condenados da Praia da Morte!

INÊS

Porque é que eles se queixam hoje mais do que nos outros dias?

O ADVOGADO

Porque deste lado, o sol brilha. Porque há música, alegria, juventude, e tudo isso os faz sofrer mais profundamente!

INÊS

Mas é necessário libertá-los!

O ADVOGADO

Tenta, mais uma vez!... Já houve um libertador que veio uma vez... Foi crucificado!

INÊS

Por quem?

O ADVOGADO

Por todos os Bem-Pensantes!

INÊS

E quem são eles?

O ADVOGADO

Ainda os não conheces?... Pois bem, aprenderás a conhecê-los!

INÊS

São os que te recusaram o Doutorado?

O ADVOGADO

Sim!

INÊS

Então, conheço-os!

XII

Litoral mediterrânico. À esquerda, em primeiro plano, um muro branco. Acima do muro, vêem-se laranjeiras, carregadas de frutos.

Ao fundo, vivendas e um Casino com terraço.

À direita, uma grande pilha de carvão e dois carrinhos de mão. Ao fundo, o mar azul.

Dois carvoeiros, de tronco nu, com a cara, as mãos e o corpo todos negros, estão sentados, desesperados, cada um deles em seu carrinho.

Inês e o Advogado estão ao fundo, no último plano.

INÊS

Isto aqui é o paraíso!

PRIMEIRO CARVOEIRO

É o Inferno!

SEGUNDO CARVOEIRO

Quarenta e oito graus à sombra!

PRIMEIRO CARVOEIRO

E se fôssemos tomar banho?

SEGUNDO CARVOEIRO

É proibido!... Aparecia logo a Polícia!

PRIMEIRO CARVOEIRO

Não se pode ao menos colher uma laranja?

SEGUNDO CARVOEIRO

É proibido!... Aparecia logo a Polícia!

PRIMEIRO CARVOEIRO

Uma pessoa não consegue trabalhar com este calor!... Deixo cair tudo!

SEGUNDO CARVOEIRO

É proibido!... A Polícia também aparecia!

(Um silêncio)

E depois... como é que farias para comer?

PRIMEIRO CARVOEIRO

Comer?... Hem! Nós que somos quem mais trabalha... nem sempre conseguimos comer, e os ricos, que não fazem nada, empanturraram-se! Acho que é injusto!... E que diz a isto a filha dos Deuses?

INÊS

Não sei que diga!... Mas, diz-me tu, que fizeste para estares assim tão negro e estares sujeito a uma sorte assim tão dura?

PRIMEIRO CARVOEIRO

O que é que nós fizemos? Os nossos pais eram pobres e pouco honestos! Chegaram mesmo a ser presos, uma ou duas vezes... Talvez tenhamos sido castigados!

INÊS

Castigados?

PRIMEIRO CARVOEIRO

Sim! E os que conseguiram escapar à prisão... estão lá em baixo, nos palácios, a regalarem-se com «foie gràs» e a beber champanhe!

INÊS

(Ao Advogado)

É verdade?

O ADVOGADO

Em geral... sim!

INÊS

Queres dizer que não há homem que não tenha merecido a prisão, ao menos uma vez na vida?

O ADVOGADO

Sim!

INÊS

Até mesmo tu?

O ADVOGADO

É verdade!

INÊS

Será possível que estes infelizes não possam tomar banho no mar que fica aqui tão perto?

O ADVOGADO

Sim!... mesmo completamente vestidos!... Só os suicidas conseguem escapar ao paga-

mento de multas. Mas os que falham ainda apanham para tabaco na esquadra de Polícia.

INÊS

Porque é que eles não saem da cidade e não vão tomar banho no campo?

O ADVOGADO

Não há campo!... Está tudo cercado!

INÊS

Eu queria dizer... em liberdade no campo!

O ADVOGADO

Nada é livre, tem tudo dono!

INÊS

Até mesmo o mar imenso e infinito?

O ADVOGADO

Tudo!... Não podes navegar ou acostar seja onde for sem fazer uma declaração e sem pagar uma taxa! É muito lindo, como vês!

INÊS

Isto afinal não é o Paraíso!

O ADVOGADO

Não!... evidentemente!

INÊS

Porque é que os homens não fazem qualquer coisa para melhorarem a sua sorte?

O ADVOGADO

Eles bem tentam! Mas todos os que querem melhorar acabam por malhar com os ossos numa prisão ou... vão parar a um manicómio...

INÊS

E quem é que os mete na prisão?

O ADVOGADO

Todos os Bem-Pensantes... a gente honesta...

INÊS

E quem é que os leva ao manicómio?

O ADVOGADO

O seu próprio desespero, quando se apercebem da inutilidade dos seus esforços.

INÊS

E ainda ninguém teve a ideia de que o mundo é assim porque tem de ser assim, por razões desconhecidas?

O ADVOGADO

Sim! É o que pensam os que vivem confortavelmente.

INÊS

Pensam que está tudo bem tal como está?...

PRIMEIRO CARVOEIRO

E dizer que é sobre nós que assenta a sociedade!... Se não trouxéssemos mais carvão, deixaria de haver lume nas lareiras, luz nas ruas, nas lojas, nas casas. Seria a noite total e o frio apoderava-se de vós... é por isso que nos encharcamos de suor para vos trazerem tão suja carga... este carvão. Que é que nos dais em troca?

O ADVOGADO

(A Inês)

Ajuda-os!...

(Um silêncio)

Compreendo muito bem que a igualdade perfeita não é possível, mas porque é que hão-de existir tão grandes diferenças?

(O Cavalheiro e a Dama atravessam a cena)

A DAMA

Vens comigo ao Casino?

O CAVALHEIRO

Ainda não! Sabes bem que não consigo comer sem ter dado primeiro o meu pequeno passeio!

PRIMEIRO CARVOEIRO

Não consegue comer?...

SEGUNDO CARVOEIRO

Não consegue?...

(Entram duas crianças que gritam de susto ao verem os dois carvoeiros tão negros)

PRIMEIRO CARVOEIRO

Gritam ao verem-nos! Eles gritam!...

SEGUNDO CARVOEIRO

Podridão!... Só a guilhotina pode limpar esta podridão!

PRIMEIRO CARVOEIRO

Podridão!... Tens toda a razão! Puah!

O ADVOGADO

(A Inês)

Confessa que é lamentável... os homens não são maus, mas...

INÊS

Mas o quê?

O ADVOGADO

É a ad-mi-nis-tra-ção que é má!

INÊS

(Tapa a cara e sai)

Isto não é o paraíso!

OS CARVOEIROS

Não! É o inferno! Sim, o inferno!

XIII

A gruta de Fingal. Longas vagas verdes entram docemente na gruta. No primeiro plano, uma bóia vermelha, que range sob a pressão das ondas, num determinado momento, indicado no texto. Ouve-se a música do vento e das vagas. Inês e o poeta estão em cena.

O POETA

Para onde é que me trouxeste?

INÊS

Para longe dos ruídos... para longe dos gemidos dos filhos dos homens, no ponto extremo do Oceano, para esta gruta a que chamamos a orelha de Indra, porque é aqui, dizem, que o rei do céu escuta as queixas dos mortais.

O POETA

Aqui?... É verdade?

INÊS

Não vês que esta gruta tem a forma de uma concha? Estás mesmo a ver? Não sabes que a tua orelha também tem a forma de uma concha? Sabes, com certeza, mas nunca pensaste nisso.

(Apanha uma concha da areia)

Quando eras criança não levaste uma concha ao ouvido, nunca escutaste o ruído do sangue no teu coração, o rumor dos teus pensamentos no cérebro, a ruptura das mil pequenas fibras gastas dos tecidos do teu corpo?... Tudo isso podes ouvir nesta pequena concha! Imagina então o que se pode ouvir nesta gruta!...

O POETA

(Escuta)

Só ouço o ruído do vento.

INÊS

É necessário, portanto, que eu to traduza. Escuta as lamentações do vento.

(Recita, acompanhada em surdina por uma música)

Nascemos debaixo das nuvens do céu
E os raios de Indra expulsaram-nos
Para a terra poeirenta...

E o restolho dos campos feriu-nos os pés
E a poeira das estradas
E o fumo das cidades.
Tivemos de suportar
Cheiros pestilentos,
O bafio das cozinhas, os eflúvios do vinho...
Corremos sobre as águas do imenso oceano
Para agitar as asas,
Encher de ar os pulmões
E lavar os pés.
Indra, senhor do céu,
Escuta-nos!
Escuta os nossos suspiros!
Não, a vida não é pura
Se não for boa.
Os homens não são maus
Mas também não são bons.
Vivem como podem,
Dia após dia.
Os filhos do pó caminham sobre o pó
Pois dele nasceram
E a ele volverão.
Para pisar o chão dispõem apenas dos pés
Mas não lhes foram dadas asas para voar.
E se estão cobertos de pó
De quem é a culpa?
Será mesmo deles, ou tua?

O POETA

Já uma vez ouvi...

INÊS

Silêncio!... O canto dos ventos ainda não terminou!

(Recita, acompanhada, em surdina, por música)

Somos os ventos, os filhos do ar,
Transportamos os lamentos dos homens.
Ouviste-nos
Na chaminé, numa tarde de Outono.
No cano do fogão,
Nas frinchas das janelas,
Quando a chuva faz chorar os telhados?
No pinhal coberto de neve?
Ou por cima das águas do mar em vendaval?
Ouviste os gemidos e as queixas
De velas e cordames?
Éramos nós, os ventos,
Os filhos do ar.
Os peitos humanos
Que trespassámos
Escutaram esses cânticos de sofrimento...
À cabeceira do doente, nos campos de batalha,
No quarto da criança, sobretudo,
Onde gemem os recém-nascidos
Que choram e gritam
A dor de viver.
Somos os ventos
Que rangem e gemem.
Desgraça! Desgraça! Desgraça!

O POETA

Parece-me que noutros tempos...

INÊS

Silêncio!... As ondas estão a cantar!

(Recita, acompanhada, em surdina, por música)

Somos as ondas que dão vagidos,
As ondas que embalam os ventos
Em repouso.
Somos as ondas, os berços verdes,
Húmidas somos, e salgadas.
Assemelhamo-nos às línguas de fogo
Somos chamuscas húmidas
Apagando e queimando,
Lavando e banhando,
Engendrando e criando,
Somos as ondas
Que embalam os ventos
Em repouso.

Pérfidas!... Infiéis ondas!... Nada do que
existe sobre a terra consegue arder se for
mergulhado nas ondas!... Olha!...

(Mostra destroços de um naufrágio)

Olha o que o mar roubou e desfez... Res-
tam apenas as figuras de proa dos barcos
naufragados, com os seus nomes: «Justiça»,
«Amizade», «Paz», «Esperança». Eis o que
resta de «A Esperança»... A traidora espe-
rança... toletes... vertedouros... croques...
Repara na bóia de salvação... Conseguiu sal-
var-se mas deixou afogar-se o homem em
perigo!

O POETA

(Procura entre os destroços)

Olha aqui a placa do «A Justiça». Foi o
barco que deixou Praia Bela, levando a bordo
o filho do cego. Também levava a bordo o
noivo de Alice, o homem que Edite amava
sem esperança.

INÊS

O cego?... Praia Bela?... Será um sonho?
E o noivo de Alice, Edite, a feiosa, Praia da
Morte e a quarentena... o enxofre e o fenol...
a promoção dos doutores na igreja... o escri-
tório do advogado... a arcada da Ópera e
Vitória, o castelo que cresce e o Oficial...
Não passaria tudo isso de um sonho?...

O POETA

Tudo isso... me aconteceu imaginá-lo num
poema.

INÊS

Sabes, então, o que é a poesia?

O POETA

Sei o que é o sonho... Mas o que será a
poesia?

INÊS

Não é a realidade... é muito mais... Não
é sequer o sonho... é o sonho desperto...

O POETA

Os filhos dos homens imaginam que os poetas nada mais fazem do que fingir e inventar!

INÊS

Felizmente, meu amigo, senão o mundo seria um deserto, por falta de coragem. As pessoas deitar-se-iam de costas a olhar para o céu, não haveria quem pegasse na charrua e na enxada, na plaina e no machado!

O POETA

E és tu quem diz isso!... Tu, a filha de Indra, que pertences, em parte, ao mundo celeste...

INÊS

Tens razão em me censurar. Deixei-me estar demasiado tempo cá em baixo, a tomar banhos de lama, como tu... Os meus pensamentos já não conseguem elevar-se. A lama pesa-me nas asas e tenho terra nos pés... E eu própria...

(Levanta os braços)

Sinto que me afundo! Pai! Deus do céu!
Vem em meu socorro!

(Silêncio)

Já não ouço a sua resposta. O éter já não traz a sua voz à concha do meu ouvido... O fio de prata partiu-se. Desgraçada de mim que estou unida à terra!

O POETA

Sentes, na verdade, a intenção de te elevar... em breve?

INÊS

Assim que tenha queimado todo o pó... porque a água do oceano não consegue purificar-me. Porque é que me perguntas isso?

O POETA

Porque tenho uma prece... uma súplica a fazer-te.

INÊS

Que súplica?

O POETA

Uma súplica a favor da Humanidade, dirigida, por um sonhador, ao senhor do mundo.

INÊS

E quem a apresentará?

O POETA

Tu, a filha de Indra...

INÊS

Ês capaz de me dizer o teu poema?

O POETA

Sou.

INÊS

Então diz!

O POETA

Não. Mais vale que sejas tu.

INÊS

Onde é que o posso ler?

O POETA

Nos meus pensamentos... ou então aqui!...

(Entrega-lhe um rolo de papel)

INÊS

(Pega no rolo de papel mas não o lê, recitando de cor)

Porque é que nasceste em dor?
Porque é que fazes sofrer a tua mãe,
Filho dos homens, no momento mesmo
Em que lhe dás a alegria da maternidade,
A alegria de todas as alegrias?
Porque é que despertas para o dia,
Porque é que saúdas a luz
Com um grito de dor e raiva?
Porque é que não sorris à vida,
Filho dos homens, se o dom da vida
Mais não é do que alegria?
Porque nascemos nós como animais,
Nós que somos de raça divina
e de descendência humana?
O espírito, porém, exigiria outras vestes
Que não estas, feitas de pó e sangue!
A imagem de Deus deverá mudar de dentes?

(Inês interrompe a sua «leitura», dirigindo-se ao poeta)

... Silêncio, presunçoso! Que a obra não censure o seu autor!
Ainda ninguém resolveu o enigma da vida!...

(Retoma a «leitura»)

E eis que se inicia a corrida
Por sobre as sarças, os cardos e as pedras,
E se, por vezes, um caminho se abre,
É logo considerado proibido,
E se quiseres colher uma flor
Dir-te-ão que pertence a outro
E se um campo te corta o caminho
E precisares de seguir em frente
Pisarás as sementeiras de alguém
Antes que outros pisem as tuas

E assim se faça justiça.
Qualquer alegria que possas ter
Representará um desgosto para os demais
E a tua mágoa não fará a alegria seja de
quem for;
E assim será o teu caminho até à morte
Quando outros homens vierem tomar o teu
lugar.

(Ao Poeta)

È assim, filho do pó,
Que esperas acercar-te do Altíssimo?

O POETA

Como é que o filho do pó poderá descobrir
Palavras suficientemente puras, claras e leves
Para se poder levantar da Terra?
Filha dos Deuses quererás tu traduzir a nossa
queixa
Na língua que os imortais melhor
compreendem?

INÊS

Quero!

O POETA

(Apontando para a bóia)

O que é que flutua lá em baixo?... Será
uma bóia?

È. INÊS

O POETA

Dir-se-ia um pulmão com uma laringe!

INÊS

È a guardiã do mar. Em caso de perigo.
põe-se a cantar.

O POETA

Parece-me que a maré está a subir e que
as ondas rebentam.

INÊS

Dir-se-ia...

O POETA

Desgraça! Que estou eu a ver? Um na-
vio... perto dos rochedos...

INÊS

Que navio será?

O POETA

Acho que é o Navio Fantasma!

INÊS

O que é isso?

O POETA

O Holandês Voador!

INÊS

Ele?... Porquê terá sido tão duramente punido que não lhe é consentido atracar?

O POETA

Porque teve sete mulheres infiéis...

INÊS

E foi essa a razão do seu castigo?

O POETA

Sim!... Todos os Bem-Pensantes o condenaram...

INÊS

Que mundo tão estranho!... Como é que poderá ser liberto da maldição que pesa sobre ele?

O POETA

Liberto?... Todos evitam liber...

INÊS

Porquê?

O POETA

Porque... Não! Não é o Navio Fantasma! É um navio em perigo!... Porque é que bóia não grita, agora?... Repara! O mar encapela-se! As ondas são cada vez maiores! Vamos ser apanhados na armadilha dentro da gruta! Soa o sino do navio!... Não tarda que recolhemos nova figura de proa... Grita, bóia! Cumpre o teu dever, guardiã do mar!

(A bóia faz ouvir um acorde de quatro notas em quinta e sexta, semelhante ao som das sirenes)

A tripulação faz-nos sinais... Mas também nós vamos morrer!

INÊS

Não eras tu quem ansiava pela libertação?

O POETA

É verdade que sim. Mas não quero morrer afogado!

A TRIPULAÇÃO

(Canta a quatro vozes)

Christ Kyrie!

O POETA

Estão agora a gritar e o mar com eles!
Mas ninguém os ouve!

A TRIPULAÇÃO

(Idem)

Christ Kyrie!

INÊS

Quem vem lá?

O POETA

Quem avança caminhando sobre as ondas?
Só há uma pessoa capaz de caminhar sobre as
ondas, porque o próprio Pedro foi ao fundo
como uma pedra...

(Distingue-se um clarão sobre as águas)

A TRIPULAÇÃO

Christ Kyrie!

INÊS

Será ele?

O POETA

É ele mesmo, o crucificado...

INÊS

Porque é que... diz-me, porque é que ele
foi crucificado?

O POETA

Porque queria libertar...

INÊS

Quem?... Já me esqueci... Quem o cruci-
ficou?

O POETA

Todos os Bem-Pensantes!

INÊS

Que mundo tão estranho!

O POETA

A maré está a subir! A noite envolve-nos
e a tempestade aumenta!...

(A tripulação solta um grito)

O POETA

A tripulação grita horrorizada ao ver o seu
salvador e agora, com medo do seu redentor,
todos saltam borda fora!...

(A tripulação solta um novo grito)

O POETA

Agora... gritam porque vão morrer!...
Gritam ao nascer e gritam à hora da morte!

*(As ondas sobem na gruta e ameaçam
submergi-los)*

INÊS

Se ao menos tivesse a certeza de que é um
navio!

O POETA

Na verdade... Não acredito que se tra-
tasse de um navio... é uma casa de dois an-
dares com uma árvore à frente... e... um
poste telefónico que sobe até ao céu... é a

moderna Torre de Babel que envia os seus
fios até ao Mais Alto, para fazer com que lá
se saiba...

INÊS

Meu filho! O pensamento humano não tem
necessidade de fios metálicos para se deslo-
car... A prece do homem piedoso percorre os
universos... Não é com certeza uma Torre de
Babel porque para subir ao assalto do céu
basta sitiá-lo com as tuas orações!

O POETA

Não, não é uma casa, não é uma torre...
estás a ver?

INÊS

O que é que tu vês?

O POETA

Vejo uma planície coberta de neve... um
campo de manobras... O sol de Inverno ilu-
mina uma igreja no alto da colina e o campa-
nário projecta a sua sombra esguia sobre a
neve... Eis um grupo de soldados que avan-
çam, caminhando sobre a neve, marcham por
cima da cruz... Sinto que o primeiro que mar-
char sobre o galo morrerá... Aproximam-se...
o cabo vem à frente... Ah! está agora a pas-
sar uma nuvem sobre a planície, encobrendo

o Sol... e tudo desapareceu... A água da nuvem apagou o fogo do Sol... A luz do Sol criou a sombra do campanário que a sombra da nuvem abafou.

XIV

Durante o final da cena anterior, o «décor» foi de novo transformado: estamos à saída da Ópera.

INÊS

(Dirigindo-se à porteira)

O Lord Chanceler` já chegou?

A PORTEIRA

Não!

INÊS

E os decanos?

A PORTEIRA

Também não!

INÊS

Chama-os imediatamente porque vamos abrir a porta...

A PORTEIRA

É assim tão urgente?

INÊS

É! Supõe-se que é lá que se encontra escondido o enigma do mundo... Chama o Lord Chanceler e os Decanos das quatro Faculdades!

(A porteira faz soar um apito)

E não esqueças do vidraceiro... que venha com o diamante, porque sem ele nada se pode fazer.

(Gente de teatro entra pela esquerda, como no princípio da peça)

O OFICIAL

(Entra pelo fundo, de sobrecasaca e chapéu alto; vem radiante de alegria, com um ramo de rosas na mão)

Vitóri... i ... a!

A PORTEIRA

Mademoiselle não demora a descer.

O OFICIAL

Bom!... O carro está à espera, a mesa posta, o champanhe na geleira... Minhas senhoras, permitam-me que as beije!

(Beija Inês e a porteira, continuando a cantar)

Vitóri... i ... a!

UMA VOZ FEMININA

(Vinda de cima, respondia a cantar)

Estou aqui... i!

O OFICIAL

Muito bem! Eu espero!

(Anda de um lado para o outro)

O POETA

(A Inês)

Parece-me já ter vivido este momento...

INÊS

Eu também!

O POETA

Terei, talvez, sonhado?

INÉS

Não o terás, talvez, escrito?

O POETA

Sim, talvez o tenha escrito!

INÉS

Sabes, portanto, o que é a poesia?

O POETA

Sei que é o sonho!

INÉS

Tenho a impressão de que já pronunciamos estas mesmas palavras, mas noutra lugar!

O POETA

Sendo assim, estás preparada para compreender o que é a realidade!

INÉS

Ou o sonho!

O POETA

Ou a poesia!

(O Lord Chancellor, os Decanos das quatro Faculdades: Teologia, Letras, Direito e Medicina, entram)

O LORD CHANCELER

Trata-se da porta, com certeza. Que pensa o senhor Decano da Faculdade de Teologia?

O DECANO DA FACULDADE
DE TEOLOGIA

Eu não penso... creio... «credo»...

O DECANO DA FACULDADE
DE LETRAS

Calculo...

O DECANO DA FACULDADE
DE MEDICINA

Sei...

O DECANO DA FACULDADE
DIREITO

Duvido... e espero que me forneçam provas e testemunhos.

O LORD CHANCELER

Lá estão eles acirrados uns com os outros!... Em que é que acredita o teólogo?

O DECANO DA FACULDADE
DE TEOLOGIA

Acredito em que se não deve abrir esta porta, porque esconde verdades perigosas...

O DECANO DA FACULDADE
DE LETRAS

A verdade nunca é perigosa!

O DECANO DA FACULDADE
DE MEDICINA

Mas o que é a verdade?

O DECANO DA FACULDADE
DE DIREITO

É tudo o que se pode provar com duas testemunhas!

O DECANO DA FACULDADE
DE TEOLOGIA

Um advogado rábula tudo pode provar por meio de dois falsos testemunhos!

O DECANO DA FACULDADE
DE LETRAS

A verdade é a sabedoria e a sabedoria é o conhecimento que vem a ser a própria filosofia!... A filosofia é uma ciência, a ciência das ciências, o conhecimento dos conhecimentos! E todas as outras ciências mais não são do que criadas da filosofia!

O DECANO DA FACULDADE
DE MEDICINA

As únicas ciências são as ciências naturais! A filosofia não é uma ciência, não passando de um amontoado de especulações vazias de sentido!

O DECANO DA FACULDADE
DE TEOLOGIA

Bravo!

O DECANO DA FACULDADE
DE LETRAS

(Ao teólogo)

E és tu quem aplaude! Mas quem és tu?
O inimigo hereditário de todo o conhecimento.
És o contrário da ciência. Não é mais do
que ignorância e obscurantismo...

O DECANO DA FACULDADE
DE MEDICINA

Bravo!

O DECANO DA FACULDADE
DE TEOLOGIA

(Ao médico)

E és tu quem aplaude! Tu que não vês um
palmo diante do nariz, sempre tombado sobre
o teu microscópio! Tu que só acreditas nos
teus sentidos, que são enganadores... nos teus
olhos, por exemplo, que podem ser míopes ou
prébitos, vinhos ou cegos, zolhos ou dal-
tónicos, fazendo-te ver vermelho o que é verde
ou verde o que é vermelho!...

O DECANO DA FACULDADE
DE MEDICINA

Cretino!

O DECANO DA FACULDADE
DE TEOLOGIA

Burro!

(Põem-se à pancada um ao outro)

O LORD CHANCELER

Calma! Vejamos! Os lobos não se comem
uns aos outros!

O DECANO DA FACULDADE
DE LETRAS

Se tivesse de escolher entre a teologia
e a medicina... não escolhia nem uma nem
outra!

O DECANO DA FACULDADE
DE DIREITO

E se eu tivesse de julgar... condenava
todos os três. Os senhores não são capazes
de se pôr de acordo seja sobre que ponto for
e nunca o conseguiram! Mas voltemos à ques-
tão. Qual é a opinião do Lord Chanceler sobre
esta porta e a sua abertura?

O LORD CHANCELER

A minha opinião? Não tenho. Sou pago
pelo Governo apenas para impedir que os
senhores se aleijem uns aos outros durante o
Consistório... quando lhes cabe educar a ju-
ventude! Uma opinião? Tudo farei para evitar
a formulação de qualquer que seja. Em tem-
pos, já as tive, mas foram todas refutadas!

As opiniões são feitas para serem refutadas... pelo adversário, claro!... Mas talvez possamos abrir agora a porta, embora corramos o risco de descobrir verdades perigosas.

O DECANO DA FACULDADE
DE DIREITO

O que é a verdade? Onde é que ela se encontra?

O DECANO DA FACULDADE
DE TEOLOGIA

Eu sou a Verdade e a Vida!...

O DECANO DA FACULDADE
DE LETRAS

Eu sou o conhecimento do conhecimento!...

O DECANO DA FACULDADE
DE MEDICINA

Eu sou a ciência exacta!...

O DECANO DA FACULDADE
DE DIREITO

Eu duvido!

(Põem-se à pancada uns aos outros)

INÉS

Os senhores deviam ter vergonha!... Os senhores... os educadores da juventude!

O DECANO DA FACULDADE
DE DIREITO

Lord Chanceler, representante do Governo e chefe do Conselho Professoral, deve levar esta mulher perante os tribunais! Pediu-lhe que tivesse vergonha, e isso é uma ofensa! Chamou-lhes educadores da juventude com uma intenção irónica e infamante! Ultrajou-os, portanto!

INÉS

Pobre juventude! ,

O DECANO DA FACULDADE
DE DIREITO

Ela lamenta a juventude! Portanto, acusamos! Lord Chanceler, Vossa Excelência deve perseguir tal crime!

INÉS

Sim, acuso-vos a todos! Acuso-vos de espalharem a dúvida e a discórdia no espírito dos jovens!

O DECANO DA FACULDADE
DE DIREITO

Ouçam! Esta mulher põe em dúvida a
nossa autoridade sobre a juventude! A seguir,
acusa-nos a nós, de semearmos a dúvida! Não
se trata, portanto, de um acto criminoso?
Apelo para todos os Bem-Pensantes.

TODOS OS BEM-PENSANTES

Sim! Trata-se de um acto criminoso!

O DECANO DA FACULDADE
DE DIREITO

Todos os Bem-Pensantes a condenaram,
minha senhora! Vá-se embora! Vá em paz
com tudo o que colheu! Senão...

INÊS

Com tudo o que colhi?... Senão?... Senão
o quê?

O DECANO DA FACULDADE
DE DIREITO

Senão, serás lapidada!

O POETA

Ou crucificada!

INÊS

Vou-me embora! Vem daí comigo e deci-
frarás o enigma.

O POETA

Mas que enigma?

INÊS

O que é que ele quer dizer com «tudo o
que colheu»?

O POETA

Nada, provavelmente! É o que nós cha-
mamos falar sem dizer nada...

INÊS

Mas foi ao dizer isso que ele mais me
ofendeu!

O POETA

Deve ter sido por isso que o disse... os
homens são assim!

TODOS OS BEM-PENSANTES

Hurrah! A porta está aberta!

O LORD CHANCELER

O que é que há por detrás dela?

O VIDRACEIRO

Não vejo nada!

O LORD CHANCELER

Não me surpreende! E vossas excelências, senhores decanos, que vedes vós?

O DECANO DA FACULDADE
DE TEOLOGIA

Nada! Cá está a solução do enigma do mundo!... Porque do nada Deus criou o céu e a terra!

O DECANO DA FACULDADE
DE LETRAS?

O nada só engendra o nada!

O DECANO DA FACULDADE
DE MEDICINA

Nada de nada! Não há nada!

O DECANO DA FACULDADE
DE DIREITO

Duvido! Estamos em presença de uma fraude qualificada! Apelo para todos os Bem-Pensantes!

INÉS

(Ao poeta)

Quem são os Bem-Pensantes?

O POETA

Como é que se há-de saber? Na maior parte do tempo, os Bem-Pensantes reduzem-se todos a uma única pessoa. Hoje, sou eu e os meus, amanhã serás tu e os teus! É uma qualidade que nos dão ou, na maior parte das vezes, que cada um se dá a si mesmo!

TODOS OS BEM-PENSANTES

Enganaram-nos!

O LORD CHANCELER

Quem é que os enganou?

TODOS OS BEM-PENSANTES

Inês!

O LORD CHANCELER

Inês, quererá ter a bondade de nos dizer qual foi a sua intenção ao provocar a abertura desta porta?

INÊS

Não, meus amigos... Se o dissesse, não acreditavam!...

O DECANO DA FACULDADE
DE MEDICINA

Mas se não há nada!

INÊS

Tu o disseste!... Mas não compreendeste!

O DECANO DA FACULDADE
DE MEDICINA

O que ela diz não passa de ninharias!

TODOS

Ni-nha-ri-as!

INÊS

(Ao poeta)

Como são dignos de lástima!

O POETA

Falas a sério?

INÊS

Falo sempre a sério!

O POETA

Achas que os Bem-Pensantes também são dignos de lástima?

INÊS

Eles sobretudo, talvez!

O POETA

Até mesmo as quatro Faculdades?

INÊS

Também! e tanto como os outros! Quatro cabeças para um único corpo! Quem foi capaz de criar um tal monstro?

TODOS

Ela não responde!

O LORD CHANCELER

Batam-lhe!

INÊS

Eu já respondi!

O LORD CHANCELER

Ouçam! Ela está a responder!

TODOS

Batam! Ela está a responder!

INÊS

Quer ela responda quer não, não deixeis de gritar: «batam-lhe»!... Vem, profeta, que eu parto para longe daqui! Vou revelar-te o enigma... mas no deserto... onde ninguém nos poderá ver ou ouvir, porque...

O ADVOGADO

(Avança para Inês e pega-lhe no braço)

Terás tu esquecido as tuas obrigações?

INÊS

Oh meu Deus, não! Mas tenho outras obrigações mais altas!

O ADVOGADO

E o teu filho?

INÊS

O meu filho?... E depois?

O ADVOGADO

O teu filho chama por ti.

INÊS

O meu filho? Desgraçada de mim! Estou presa à Terra!... E esta dor no meu peito, esta agonia... O que é?

O ADVOGADO

Não sabes?

INÊS

Não!

O ADVOGADO

São os remorsos!

INÊS

Os remorsos?

O ADVOGADO

Sim!... e resultam de cada obrigação negligenciada, de cada prazer, mesmo o mais inocente, se é que existem prazeres inocentes, do que duvido! e de cada sofrimento infligido ao próximo.

INÊS

E não há remédio?

O ADVOGADO

Há, mas um apenas! O de cumprir, imediatamente, o seu dever!

INÊS

Pareces um demónio quando pronuncias a palavra «dever». Mas quando se tem, como eu, dois deveres a cumprir?

O ADVOGADO

Cumpre-se um a seguir ao outro!

INÊS

Cumprirei primeiro o meu dever mais alto! Por isso é que é preciso que tu tomes conta do meu filho!

O ADVOGADO

O teu filho sofre com a tua ausência... Serás capaz de suportar que um ser humano sofra por tua causa?

INÊS

Roubaste a paz da minha alma... Sinto-me dilacerada, esquartejada...

O ADVOGADO

São as pequenas contradições da vida! Estás a ver?

INÊS

Ai, como eu me sinto dilacerada!...

O POETA

(A Inês)

Se tu soubesses quantos desgostos e desolações espalhei à minha volta para seguir a minha vocação e cumprir, assim, o meu mais alto dever, recusar-te-ias a apertar-me a mão.

INÊS

Como é que isso se passou?

O POETA

Eu tinha um pai que havia posto em mim todas as suas esperanças. Era o filho único que devia continuar o seu negócio... Mas fugi da Escola Comercial!... O meu pai morreu de desgosto. A minha mãe queria que eu fosse crente... Eu não conseguia sê-lo... Renegou-me! Eu tinha um amigo que me tinha apoiado nos maus momentos mas que era um tirano para aqueles que eu defendia e para quem cantava. Tive de abater o meu amigo e benfeitor, para salvar a minha alma. Depois nunca mais pude encontrar repouso. Os homens dizem que estou desonrado... um refugio da sociedade, e a minha consciência diz-me: «Agiste bem», mas, momentos depois, segredame: «Agiste mal.» É assim a vida!

INÊS

Vem daí para o deserto!

O ADVOGADO

E o teu filho?

INÊS

(Indicando todos os presentes)

Aqui tens os meus filhos! Individualmente, são muito bons, mas quando se juntam, batem uns nos outros e tornam-se verdadeiros demónios!... Adeus!

XV

Em frente do castelo. O mesmo «décor» que no princípio da peça. O chão, junto às muralhas, está agora coberto de flores de acónito azuis. No ponto mais alto do tecto, um botão de crisântemo prestes a desabrochar. As janelas do castelo estão iluminadas do interior por meio de velas.

Em cena Inês e o Poeta.

INÊS

Aproxima-se o momento em que, com a ajuda do fogo, subirei ao éter... aquilo a que chamais morrer e que vos enche de terror.

O POETA

É o medo do desconhecido...

INÊS

Que, no entanto, conheceis!

O POETA

Quem é que o conhece?

INÊS

Todos! Porque é que não acreditais nos vossos profetas?

O POETA

Os profetas são sempre suspeitos! Porquê? E se Deus falou, porque é que os homens continuam incrédulos? O seu poder devia ser irresistível!

INÊS

Tu sempre duvidaste?

O POETA

Não!... Muitas vezes, acreditei ter a certeza, mas isso não durou... a certeza abandonou-me como se fosse um sonho, um despertar.

INÊS

Não é fácil viver uma vida humana!

O POETA

Afinal, compreendes e confessas que assim é!

INÊS

Sim!

O POETA

Diz-me, não foi Indra quem enviou, uma vez, o seu filho à Terra para ouvir as queixas dos homens?

INÊS

Foi!... E como é que ele foi recebido?

O POETA

Como é que cumpriu a sua missão? Para responder à tua pergunta com outra pergunta...

INÊS

Também eu respondo com outra pergunta: a condição do homem não melhorou depois da sua visita? Responde-me! Diz-me a verdade!

O POETA

Melhorou?... Sim, um tanto! Mas muito pouco. Mas... em vez de me fazeres perguntas, queres revelar-me o enigma?

INÊS

Quero! Mas de que serve isso? Tu não acreditas em mim!

O POETA

Quero acreditar em ti, porque sei quem és!

INÊS

Bem... Vou dizer-te! No alvorecer dos tempos, antes de o Sol ter começado a brilhar sobre todas as coisas, Brahma, a força divina original, deixou-se seduzir por Maya, a mãe do mundo. Esta união entre a divina matéria original e a matéria terrestre provocou a queda do céu. Daí que o mundo, a vida e os homens mais não sejam do que um fantasma, uma aparência, um sonho!

O POETA

O meu sonho!

INÊS

Um sonho verídico... Mas para se libertarem da matéria terrestre, os descendentes de Brahma buscam as privações e os sofrimentos. O sofrimento libertador! Mas este desejo de sofrer opõe-se à vontade de fruir, ao amor... Compreendes tu agora o que é o amor? Uma grande alegria num imenso sofrimento. O mais

doce no mais amargo. Compreendes tu o que é a mulher? A mulher pela qual o pecado e a morte foram introduzidos na vida?

O POETA

Compreendo... e o fim último?

INÊS

Já o conheces!... O combate entre a dor do prazer e o prazer da dor... os sofrimentos do penitente e as alegrias do voluptuoso...

O POETA

Trata-se, portanto, de um combate?

INÊS

Um combate entre os contrários dá nascer a uma força, como a água e o fogo dão o vapor...

O POETA

Mas a paz?... o repouso?

INÊS

Silêncio! Não me faças mais perguntas. Deixei de ter o direito de responder... O altar já está pronto para o sacrifício... As flores

parecem estar de guarda... As velas estão
acesas... Panos brancos pendem das janelas...
Ramos de abetos estão espalhados debaixo do
pórtico...

O POETA

Dizes isso com tanta calma... como se a
dor para ti não existisse.

INÊS

Realmente?... Padeci todos os vossos so-
frimentos multiplicados por cem porque é
extrema a minha sensibilidade.

O POETA

Conta-me as tuas mágoas.

INÊS

Poeta, terás alguma vez sido capaz de con-
tar as tuas, sem que uma palavra tivesse ul-
trapassado a sua verdade? Terá a tua palavra
atingido, alguma vez, a altura do teu pen-
samento?

O POETA

Não! Tens razão! Vivi só como um surdo-
-mudo, e quando a multidão escutava o meu
canto com admiração, eu nada mais ouvia do
que vociferações!... Também eu, vê tu, sem-
pre senti vergonha ao ver-me aclamado.

INÊS

E que esperas tu de mim? Olha-me bem
nos olhos.

O POETA

Não consigo suportar o teu olhar.

INÊS

Como serias tu capaz de suportar a minha
palavra se me pusesse a falar a minha lin-
guagem profunda?

O POETA

Diz-me, no entanto, antes de partir: o que
é que, cá em baixo, mais te fez sofrer?

INÊS

O existir!... O sentir o meu olhar enfra-
quecido por um olho, o meu ouvido por uma
orelha, e o meu pensamento, o meu pensa-
mento aéreo e claro, aprisionado num labi-
rinto de gordura. Já alguma vez viste um
cérebro? Que circunvoluções... que caminhos
mais tortuosos!...

O POETA

É por isso que os Bem-Pensantes pensam
tortuosamente!

INÊS

Pérfido! Não deixes nunca de ser pérfido!
Mas todos vós o sois!

O POETA

Como é que poderia ser de outro modo?

INÊS

Agora, tiro, primeiro, o pó que se me
colou aos pés, a terra... a lama...

(Descalça os sapatos e atira-os ao fogo)

A PORTEIRA

(Entra e deita o xaile ao fogo)

Posso queimar o meu xaile no mesmo
fogo?

(Sai)

O OFICIAL

(Entra)

E eu as minhas rosas de que só conservei
os espinhos?

(Sai)

O COLADOR DE CARTAZES

(Entra)

Os cartazes, seja!... mas não o cama-
roeiro, isso nunca!

(Sai)

O VIDRACEIRO

(Entra)

Diamante que abriste a porta... adeus!

(Sai)

O ADVOGADO

(Entra)

Aqui está o «dossier» dedicado ao grande
processo sobre o sexo dos anjos ou sobre a
descida das águas do Ganges!

(Sai)

O MESTRE DE QUARENTENA

(Entra)

Uma pequena contribuição da máscara ne-
gra que fazia de mim um mouro contra a
minha vontade!

(Sai)

VITÓRIA

(Entra)

Minha beleza, meu cuidado!

(Sai)

EDITE

(Entra)

Minha fealdade, meu cuidado!

(Sai)

O CEGO

(Entra e põe a mão no fogo)

A minha mão pelo meu olho!

(Sai)

D. JUAN

*(Entra numa cadeira de rodas, seguido pela
velha petulante e o amigo)*

Depressa! Depressa!... A vida é breve!

(Saem)

O POETA

Li em qualquer parte que quando a vida se aproxima do seu fim, vemos desfilar, de novo, diante dos olhos a nossa própria vida, num movimento acelerado... É o fim?

INÊS

Sim!... o meu! Adeus!

O POETA

Diz-me até à vista!

INÊS

Não, não posso! Acreditas, portanto, que as vossas palavras são capazes de transmitir os nossos sentimentos?

O DECANO DA FACULDADE
DE TEOLOGIA

(Entra furioso)

Sou reprovado por Deus! Sou perseguido pelos homens, abandonado pelo Governo, escarnecido pelos colegas. Como poderei eu acreditar, se ninguém me acredita?... Como defender um Deus que não defende os seus?

Ninharias! Nada mais do que ninharias.
Tudo!

(Deita um livro ao fogo e sai)

O POETA

(Arranca o livro das chamas)

Sabes o que era?... Uma vida dos mártires!... Um calendário com um mártir para cada dia do ano!

INÊS

Um mártir?

O POETA

Sim! Alguém que sofreu e que morreu pela sua fé. Diz-me, pois, porquê? Acreditas que todos os que são torturados sofrem e que todos os que morrem sentem dor? O sofrimento é, portanto, uma redenção e a morte uma libertação?

CRISTINA

(Entra com as suas fitas de papel gomado)

Eu colo! Eu colo! até não haver mais nada para colar...

O POETA

Se o próprio céu abrisse uma fenda, tu irias logo colá-lo. Vai-te embora!

CRISTINA

Não há janelas neste castelo?

O POETA

Não, aqui não!

CRISTINA

Nesse caso, vou-me embora!

(Sai)

INÊS

Chegou a hora do adeus, o fim aproxima-se. Adeus, sonhador, filho dos homens. Poeta, tu que, melhor do que ninguém, sabes viver

E sobrevoas a Terra com as tuas asas
E mergulhas, por vezes, na lama,
Para a aflorar mas não para te deixares prender!

.....
Agora, vou partir. No momento da despedida,
Ao deixarmos um amigo ou um lugar amado
Vem-nos a saudade do que amamos.

E o remorso pelos nossos actos passados...
Oh! Sinto agora toda a dor de viver!
E, portanto, assim, que são os homens!
Também se sente saudade dos que não ama-
mos
E se têm remorsos sem que se seja culpado!
Sente-se vontade de partir quando se deseja
ficar,
E o coração dilacera-se
E os sentimentos são como que esquartejados
por cavalos
Enchendo-se
De contradição, de indecisão e de dissonân-
cias!

... ..
Adeus! Diz aos teus irmãos e às tuas irmãs
que me lembrarei
Lá para onde agora vou, e que levarei as
suas queixas
Em teu nome, perante o tronco supremo.
Adeus!

*Entra no castelo. Música. O castelo começa
a arder. O clarão do incêndio ilumina o fundo
do «décor», descobrindo uma parede cheia de
rostos humanos, interrogativos, enlutados,
cheios de desespero... Enquanto o castelo arde,
o botão que está no alto do telhado desabro-
cha, aparecendo um enorme crisântemo.*

COLEÇÃO TEATRO
TÍTULOS PROGRAMADOS

Molière, O Misanthropo
José Daniel Rodrigues da Costa, 6 Entremeses de
Cordel
Goldoni, A Estalajadeira
Marivaux, A Ilha dos Escravos
Samuel Beckett, Os Dias Felizes
Ruzante, A Mosqueta
Calderon, A Vida é Sonho
Frank Wedkeind, O Despertar da Primavera
Federico Garcia Lorca, Dona Rosita, a Solteira
Pirandello, Esta Noite Improvisa-se
Bertolt Brecht, A Mãe
Georges Feydeau, A Dama do Maxim's
Shakespeare, Hamlet
Eugene O'Neill, Longa Viagem para a Noite
Racine, Andrómaca
Anton Tchekhov, Tio Vânia
August Strindberg, O Sonho